

Tendências narrativas nos discursos mediáticos acerca de migrantes e refugiados: O caso da imprensa escrita em Portugal

Mónica Alexandra Gomes Pacheco

**Dissertação de Mestrado
em Migrações, Inter-etnicidades e Transnacionalismo**

(versão corrigida e melhorada após defesa pública)

Orientador: Professor Doutor José Mapril

Julho, 2020

Dissertação apresentada para cumprimento
dos requisitos necessários à obtenção do grau de
Mestre em Migrações, Inter-etnicidades e Transnacionalismo,
realizada sob a orientação científica do Professor Doutor José Mapril.

RESUMO

O presente trabalho tem como foco a sistematização de tendências narrativas nos discursos mediáticos acerca de migrantes e refugiados, nas notícias veiculadas pela imprensa escrita portuguesa em relação a acontecimentos inscritos na crise migratória de 2015, procurando identificar as emoções que nestas narrativas estão associadas aos próprios migrantes, e a compreender e caracterizar a forma como os migrantes e refugiados são representados pelos media nacionais.

A análise de dados, que consistiu na análise de conteúdo de 223 peças jornalísticas publicadas entre 2015 e 2019, revela que os principais temas explorados são (1) a enunciação do sofrimento, (2) a exaltação da solidariedade, da compaixão da bondade e da empatia, e (3) os imperativos do salvamento de vidas e de acolhimento.

Os imigrantes e refugiados são retratados nos media nacionais enquanto vítimas de circunstâncias sobre as quais não tiveram qualquer controlo, estando desesperados, vulneráveis e em sofrimento profundo. São pessoas com esperança que arriscam tudo em prol da sua sobrevivência e pela vida das suas famílias.

O sofrimento relatado nestas notícias, emocionalmente apelativo pelo conteúdo emocional dos textos e pelas narrativas de histórias envolventes, leva à emergência espontânea da empatia e da compaixão, na medida em que os leitores têm o enquadramento que lhes possibilita imaginarem-se na vivência de constrangimentos semelhantes, experimentando metaforicamente esse sofrimento sobre o qual leem.

De uma forma geral, foi possível concluir que a enunciação do sofrimento impele a emergência da compaixão e da empatia, ao mesmo tempo que as narrativas têm um forte poder de identificação, pelas histórias que criam proximidade as personagens.

Este quadro tem enquadramento privilegiado em Portugal, cuja conjuntura em termos de posicionamento político, segurança e pressão migratória, favorece a atitude positiva de acolhimento e aceitação de migrantes e refugiados.

Palavras-chave:

migrantes, refugiados, emoções, narrativas, empatia, compaixão

ABSTRACT

This work focuses on narrative trends in media discourses on migrants and refugees, in news published by the Portuguese written press about events inscribed in the 2015 migration crisis, in order to identify the emotions that these narratives associate with migrants, and to understand the way migrants and refugees are represented by the national media.

The data analysis, which consisted of content analysis of 223 journalistic pieces published between 2015 and 2019, reveals that the main themes explored are (1) the enunciation of suffering, (2) the exaltation of solidarity, compassion, goodness and empathy, and (3) the imperatives of saving lives and welcoming migrants and refugees.

Immigrants and refugees are portrayed in the national media as victims of circumstances over which they had no control, being desperate, vulnerable and in deep suffering. They are people with hope who risk everything for their survival and the lives of their families.

The suffering reported in these news stories, emotionally appealing because of the emotional content of the texts and the narratives of engaging stories, leads to the emergence of empathy and compassion, as readers are given the framework they can imagine themselves in experiencing similar constraints, metaphorically experiencing that suffering about which they read.

In general, it was possible to conclude that the enunciation of suffering leads to the emergence of compassion and empathy, at the same time as the narratives have a strong power of identification, by the stories that create proximity to the characters.

This picture has a privileged framework in Portugal, whose situation in terms of political positioning, security and migratory pressure, favours the positive attitude of reception and acceptance of migrants and refugees.

Key-words:

migrants, refugees, emotions, narratives, empathy, compassion

Siglas e Acrónimos

ACM – Alto Comissariado para as Migrações

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

CPR – Conselho Português para os Refugiados

ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social

OIM – Organização Internacional das Migrações

OM – Observatório das Migrações

RIFA – Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

UE – União Europeia

Índice

i. Introdução	1
ii. A crise migratória de 2015	3
ii. Problemática, objetivos e questões de investigação	5
a) Problemática e quadro conceptual	5
b) Hipóteses e questões de investigação	6
iii. Breve enquadramento metodológico	6
iv. Breve apresentação de resultados	7
Capítulo 2 – Enquadramento Teórico	9
i. Nota introdutória	9
ii. Perceção pública dos fenómenos migratórios	9
a) Representações mediáticas dos migrantes	10
b) Representações mediáticas dos migrantes em Portugal	16
iii. As emoções nos discursos mediáticos e a construção cultural das emoções	18
Capítulo 3 – Análise de Conteúdo	25
i. Objetivos do estudo	25
ii. Fundamentação do método	25
iii. Procedimento de recolha e análise dos dados	28
Capítulo 4 – Tratamento de dados e discussão de resultados	32
i. Tratamento de dados	32
Ano de análise: 2015	33
Ano de análise: 2016	37
Ano de análise: 2017	41
Ano de análise: 2018	44
Ano de análise: 2019	48
ii. Interpretação e discussão de resultados	52
Aproximações e diferenças nos 5 anos de análise	52
A enunciação do sofrimento enquanto emergência da compaixão e da empatia	57
O poder das narrativas e da identificação	59
Refugiados e migrantes enquanto ameaça ao mundo ocidental	62
Conclusão	67
Bibliografia	78

Índice de tabelas

Tabela 1 - Palavras mais repetidas nos artigos analisados em 2015	34
Tabela 2 - Categorias de análise dos artigos selecionados em 2015	34
Tabela 3 - Palavras mais repetidas nos artigos analisados em 2016	38
Tabela 4 - Categorias de análise dos artigos selecionados em 2016	38
Tabela 5 - Palavras mais repetidas nos artigos analisados em 2017	42
Tabela 6 - Categorias de análise dos artigos selecionados em 2017	42
Tabela 7 - Palavras mais repetidas nos artigos analisados em 2018	44
Tabela 8 - Categorias de análise dos artigos selecionados em 2018	45
Tabela 9 - Palavras mais repetidas nos artigos analisados em 2019	48
Tabela 10 - Categorias de análise dos artigos selecionados em 2019	49

**“Quem começasse agora a sonhar,
teria a certeza de que os líderes mundiais
decidiram abolir vistos e fronteiras,
e que se pode viajar livremente pelo mundo,
onde uma nova ordem utópica é subitamente plausível.”**

Paulo Moura, 13.09.2015

Reportagem PÚBLICO

Capítulo 1 – Questões introdutórias

i. Introdução

Este trabalho emerge de uma motivação genuína de compreender que fatores podem influenciar as atitudes de aceitação ou rejeição de imigrantes e refugiados em Portugal.

Na verdade, esta investigação surge de uma premissa errada, uma vez que tem origem numa perceção de senso comum pouco aprofundada, assumindo que a população portuguesa tem uma postura antagónica de discriminação e rejeição, e acreditando que os imigrantes e refugiados eram entendidos enquanto ameaça e sobrecarga social.

Paralelamente, após os atentados terroristas em junho de 2017 em Londres, uma amiga com residência nesta capital do Reino Unido confessava-me, até algo envergonhada, que tinha passado a sentir medo quando via alguém na rua ou no metro que considerava ter aparência muçulmana. Dizia-me que tentava racionalizar e não deixar que o preconceito se enraizasse, mas não conseguia controlar a sensação de medo e perigo eminente.

Assim, conduzi as minhas leituras exploratórias no sentido de aprofundar perspetivas que explicassem de que forma o medo, como resposta à mediatização dos ataques terroristas na Europa, estava na génese de comportamentos preconceituosos e na recusa de aceitação de imigrantes ou refugiados que pudessem ser conotados com o islamismo.

Decidi, então, orientar a minha investigação a partir da análise de conteúdo de notícias dos jornais nacionais com presença digital mais preponderante em Portugal. E esta análise revelou-se bem mais reveladora do que estava à espera, uma vez que compreendi que os discursos narrativos em Portugal orientam uma postura tendencialmente compreensiva e empática em relação aos percursos, sofrimentos e aspirações dos migrantes e refugiados.

Posto isto, a presente dissertação procurou identificar tendências narrativas nos discursos mediáticos acerca de migrantes e refugiados, particularmente na imprensa escrita, através da análise de conteúdo de um total de 223 peças jornalísticas publicadas entre 2015 e 2019, por referência ao evento de maior relevo mediático em cada ano. Pretendi, desta forma, analisar os acontecimentos à luz do que foi veiculado pelos media, porque esta é, na verdade, a lente pela qual as pessoas leem os acontecimentos.

Os meios de comunicação social são a nossa janela para o mundo. Na minha experiência, é uma janela aberta, por onde vou passando e onde me demoro conforme determinados

eventos do lado de fora chamam a minha atenção, ou onde me debruço a olhar o mundo de forma mais demorada, sempre que a disponibilidade do dia-a-dia mo permite.

A Europa é, cada vez mais, um espaço de conflitos de convivência entre diferentes culturas. Por outro lado, é também palco do surgimento de diversas iniciativas no combate ao racismo e xenofobia. A diversidade cultural é vivida e integrada como uma coisa positiva da vida de muitas pessoas e comunidades, mas continua a ser um foco de controvérsia, conflitos e violência.

O presente documento está organizado em 4 capítulos. Neste primeiro capítulo começo por desenvolver um breve enquadramento da crise migratória que surge em 2015, enquanto pano de fundo deste trabalho. De seguida, procedo à apresentação da problemática, dos objetivos e das questões de investigação que nortearam a minha pesquisa, seguido de breve enquadramento metodológico e uma curta apresentação de resultados, como ponto de partida para a leitura do documento.

Tendo em conta que esta investigação procura explorar os discursos narrativos acerca dos migrantes nos meios de comunicação social para assim oferecer tendências no que respeita à representação destas pessoas, o capítulo 2 debruça-se acerca dos principais contributos teóricos no que respeita à perceção pública dos fenómenos migratórios, particularmente às representações mediáticas dos migrantes.

No capítulo 3, é desenvolvida a metodologia de investigação e defendida a sua pertinência para a investigação em curso, explicando os procedimentos adotados para a recolha e tratamento de dados.

Por fim, o capítulo 4 consiste na interpretação e discussão de resultados, precedida por uma detalhada apresentação do tratamento de resultados. Assim, num primeiro momento a reflexão é feita individualmente em torno de cada evento / ano de análise, dados sistematizados de seguida para verificação da hipótese teórica e das questões de investigação que balizam este estudo.

A conclusão deste trabalho sistematiza a discussão do capítulo 4, procurando interpretá-la à luz da contemporaneidade política e social em Portugal e na Europa, integrando a reflexão em torno da hipótese teórica e das questões de investigação numa leitura interpretativa da realidade.

ii. A crise migratória de 2015

A análise sobre a qual se debruça esta investigação exige uma clarificação prévia que permita construir um chão comum enquanto ponto de partida deste trabalho. Assim, de modo a melhor contextualizar o texto aqui produzido, são de seguida apresentadas molduras de leitura para os seguintes temas:

Em 2015, o número de migrantes internacionais em todo o mundo - pessoas que residem num país diferente do seu país de nascimento - foi o mais elevado de sempre, com 244 milhões – contra 232 milhões em 2013 (OIM, 2016). O número recorde de refugiados e migrantes que entraram na Europa transformou a migração numa questão determinante, que dominou as manchetes dos meios de comunicação e os debates políticos em todo o mundo (*idem*).

2015 foi, então, um ano sem precedentes para a UE e as suas fronteiras externas, com 1,8 milhões de entradas irregulares detetadas. Por outras palavras, em 2015, os Estados-Membros comunicaram mais de 1 820 000 deteções de passagem ilegal da fronteira ao longo das fronteiras externas. Este número, nunca antes visto, foi seis vezes superior ao número de deteções reportadas em 2014, também ele um ano sem precedentes, que observou mensais recorde desde Abril de 2014. Com um foco distinto de qualquer outro ano desde a 2ª Guerra Mundial, as cenas de caos e as imagens trágicas daqueles que perderam a vida acentuaram o foco nas questões migratórias. (Frontex, 2016). Mais de 5.700 migrantes morreram ou desapareceram durante a migração em 2015, um aumento de cerca de 9% em relação a 2014 (OIM, 2016).

Os que declararam ser provenientes da Síria (594 059) e do Afeganistão (267 485) representaram a maior percentagem de deteções de passagem ilegal de fronteiras à entrada na UE em 2015 (Frontex, 2016). Até ao final de 2015, 65,3 milhões de pessoas foram deslocadas involuntariamente em todo o mundo, devido a perseguições, conflitos, violência generalizada ou violações dos direitos humanos. Isto reflete um aumento em termos absolutos de 5,8 milhões de pessoas ao longo de 2014, e representa o maior nível de deslocamento forçado já registado (OIM, 2016). A UE como um todo recebeu quase 1,3 milhões de novos pedidos de asilo em 2015, mais do dobro do número de pedidos de asilo em 2014 (562.680).

A migração irregular (isto é, os movimentos migratórios não inscritos em procedimentos definidos que permitam considerar os fluxos de pessoas como legais, de acordo com os enquadramentos legislatórios dos diferentes países) é dificilmente quantificável ou mensurável, dada a sua natureza clandestina, a falta de fontes de dados e de uma definição universalmente aceite, e o seu carácter altamente dinâmico (por exemplo, os migrantes em situação irregular podem ser regularizados e os migrantes que entram regularmente num país podem tornar-se irregulares após a expiração da sua autorização de estadia). No entanto, que os fluxos migratórios irregulares para a Europa aumentaram em comparação com anos anteriores é uma realidade; isto é principalmente atribuível ao aumento das travessias de migrantes ao longo da rota do Mediterrâneo Oriental (da Turquia para a UE via Grécia, Bulgária ou Chipre), que se tornou de longe a principal rota de entrada na Europa para migrantes e requerentes de asilo, em oposição à rota do Mediterrâneo Central (do Norte de África para Itália e Malta), que foi a rota predominante em 2014 (idem).

Assim, a mudança significativa na escala do movimento de pessoas, com particular incidência no perigo e risco de vida que este movimento acarretava, dominou o foco mediático em 2015. No decorrer de 2015, mais de 1 milhão de pessoas atravessaram o Mediterrâneo, sendo que 3.770 migrantes pereceram na rota. Condições de vida cada vez mais precárias nos países de origem e de acolhimento, um futuro incerto e a esperança cada vez menor de que a situação na República Árabe da Síria melhorasse estavam entre os principais fatores que motivaram o movimento dos sírios e dos iraquianos para a Europa em 2015 (ibidem).

Estes movimentos e os subsequentes, não só pela efetiva dimensão do fenómeno, mas também pela mediatização do mesmo, são operacionalizados no conceito de “crise migratória de 2015”. Esta crise concretiza-se ainda numa profunda cisão interna em termos de política migratória comum da UE.

Sendo o objeto desta investigação a abordagem dos media aos eventos relacionados com migrantes e refugiados, importa compreender que a crise migratória de 2015 tem a sua génese mediática na imagem do corpo de Aylan Kurdi, deitado de barriga para baixo numa praia em Bodrum, na Turquia. Esta imagem foi difundida rapidamente pelos diferentes meios de comunicação social, fazendo capas de jornais e abrindo os principais noticiários pelo mundo (Milka e Warfield, 2016). Com respostas imediatas e grandemente emotivas, o eco nas redes sociais foi claro, sendo que os utilizadores estes meios de

comunicação orientaram o seu discurso para a discussão em torno dos “refugiados” – enquanto pessoas que são forçadas a abandonar os seus países de origem por questões relacionadas com a sua própria sobrevivência e das suas famílias (conflitos bélicos, perseguição política e violência) – em vez de falarem mais de “migrantes”, a quem passa a ser atribuído um estatuto com menor legitimidade de mobilidade, uma vez que são pessoas que se deslocam por opção, por razões económicas ou de interesse próprio (idem). A fotografia de Aylan Kurdi, enquanto símbolo do sofrimento dos refugiados, altera assim os termos da discussão pública acerca dos movimentos migratórios, trazendo a empatia enquanto novo ingrediente para este debate (ibidem).

ii. Problemática, objetivos e questões de investigação

a) Problemática e quadro conceptual

Este trabalho procura compreender, através da lente da Antropologia das Emoções, de que forma são narradas as notícias acerca de migrantes e refugiados nos meios de comunicação social portugueses, particularmente em jornais de referência no contexto nacional.

O olhar compreensivo para a temática das migrações é historicamente recente. As transformações nas sociedades contemporâneas deram novos ímpetus aos movimentos migratórios e prolongaram por várias gerações a fixação dos indivíduos migrantes, agora em contextos familiares e comunitários.

A diversidade é hoje uma das características mais presentes no mundo ocidental. Se, por um lado, isto se repercute numa maior partilha intercultural e em leituras do mundo cada vez mais plurais e articuladas, por outro lado, os conflitos focados nas diferenças aparentemente inconciliáveis e nos antagonismos profundos constituem barreiras altas e obstáculos consideráveis à convivência pacífica e à inclusão social de migrantes nas comunidades de acolhimento.

O sentimento de ameaça aparece, num primeiro momento, enquanto imagem simbólica do “outro” que vem ocupar o mesmo espaço e competir pelo mesmo trabalho, ao mesmo tempo que encerra em si práticas e tradições culturais estranhas e, por isso, rejeitadas logo à partida por quem “recebe” num território que assumem como seu. A somar a isto, e com um peso maior que o preconceito inicial, estão, então, os atos de terrorismo que têm preenchido a atualidade noticiosa e, consequentemente, o imaginário de terror próximo e latente.

A presente investigação tem como foco o conteúdo narrativo nas notícias sobre migrantes e refugiados, procurando perceber se os discursos mediáticos em Portugal contribuem para este quadro de discriminação de migrantes e refugiados.

b) Hipóteses e questões de investigação

A revisão de literatura sistematizada no enquadramento teórico apresentado de seguida aponta para a importância de compreender de que forma os meios de comunicação social narram os eventos relacionados com migrantes e refugiados, particularmente no que respeita à utilização de linguagem de cariz emocional e ao impacto desta nas mensagens transmitidas.

Será sobre isso centrada a hipótese de investigação sobre a qual se baseará este estudo:

Hipótese 1: O conteúdo narrativo das notícias veiculadas em Portugal é potenciador de medo e discriminação face a migrantes e refugiados.

Para além desta hipótese de investigação, será pertinente procurar também explorar a presença o tipo de narrativa destas notícias, respondendo a questões de investigação que nos permitam compreender:

Questão de investigação 1: *De que forma são retratados os imigrantes e refugiados nos media nacionais?*

Questão de investigação 2: *Que tipo de emoções estão mais presentes nas notícias sobre migrantes e refugiados veiculadas nos media nacionais?*

iii. Breve enquadramento metodológico

Tendo como foco o conteúdo narrativo nas notícias sobre migrantes e refugiados e as representações que são construídas a partir daí, esta investigação privilegia, em termos metodológicos, a **análise de conteúdo**, enquanto técnica qualitativa que permite atentar nos conceitos e termos utilizados pelos jornalistas na redação das notícias e dos artigos de opinião.

O período de análise definido começa na crise migratória de 2015 e estende-se até 2019, ano de recolha de dados para esta investigação. De modo a conseguir um maior espectro de conteúdo e posicionamentos que permita efetivamente sistematizar as principais

tendências narrativas, em cada ano foi selecionado o evento relacionado com migrantes e refugiados que teve maior eco mediático, e analisadas todas as notícias daí decorrentes. Assim, em 2015, o evento selecionado foi o naufrágio da embarcação de refugiados que se tornou notícia através da fotografia de Aylan Kurdi, a criança que apareceu morta na praia e se tornou um ícone mundial da crise migratória. Em 2016, o evento mediático selecionado para análise corresponde aos conflitos de ano novo em Colónia, na Alemanha. A proporção de refugiados acolhidos em Portugal que entretanto abandonou o país, é o evento analisado no ano de 2017. Por fim, em 2018 e 2019 os eventos analisados prendem-se com os salvamentos de migrantes em naufrágios no Mediterrâneo: em 2018 com a polémica em torno da recusa de Itália em permitir o desembarque de um barco de salvamento, e em 2019, no seguimento do ano anterior, o foco mediático analisado corresponde à discussão em torno da criminalização dos salvamentos no Mediterrâneo.

Neste sentido, foram selecionados um total de 223 artigos de 3 jornais diferentes, que pudessem ser consultados digitalmente: um jornal diário (*Público*), um jornal semanal (*Expresso*) e um jornal com presença unicamente online (*Observador*). Desta forma, os jornais alvo de análise, através das pesquisas realizadas nos artigos publicados on-line, foram três: *Público*, *Expresso* e *Observador*.

Após uma leitura exploratória de todos os artigos, foi elaborada uma grelha com categorias específicas que espelhassem os conteúdos mais repetidos, ajustada a cada ano de análise e respetivo evento noticiado, de acordo com conteúdos mais repetidos após uma primeira análise empírica mais superficial.

iv. Breve apresentação de resultados

A análise de conteúdo e consequente tratamento de dados respondeu de forma negativa à hipótese levantada neste trabalho, antes apontando conteúdos narrativos promotores de uma atitude de empatia e compaixão.

Apesar de estarmos a assistir a diferentes posicionamentos no mundo acerca destas questões, as tendências discursivas dos media em Portugal, pelo menos no que pode ser inferido nos artigos analisados, têm passado uma mensagem promotora do acolhimento e da empatia, apresentando os migrantes e refugiados enquanto vítimas de um percurso de vida com destaque no sofrimento e na luta pela sobrevivência.

Aparentemente, a sociedade portuguesa leu esta questão dividida entre o choque e a preocupação com o que está acontecer a estes migrantes e refugiados, e a obrigação absoluta de acolher, baseada em valores morais e ético.

Na verdade, os acontecimentos com maior destaque mediático analisados entre 2015 e 2019 tinham grande potencial de comoção, por colocarem o leitor perante a profunda vulnerabilidade dos migrantes e refugiados que tentam chegar à Europa como única solução para a sobrevivência ou simplesmente na prossecução de uma melhor qualidade de vida. No entanto, em 2016, perante os relatos dos conflitos e assédio sexual atribuídos a refugiados na noite de Ano Novo em Colónia, na Alemanha, as narrativas dos artigos analisados

Assim, fosse esta investigação apenas debruçada sobre os artigos de 2016, veríamos a hipótese teórica efetivamente confirmada. No entanto, no espetro da totalidade de artigos e eventos mediáticos analisados, as narrativas são mais orientadoras de representações dos imigrantes e refugiados enquanto vítimas de um contexto de sofrimento físico e emocional, ao qual somos impelidos a responder com empatia¹ e compaixão².

¹ O conceito de **empatia** é aqui entendido, por referência à operacionalização do conceito tanto na Psicologia como na Antropologia, à capacidade de se colocar no lugar do outro, e a partir desse “lugar” conseguir sentir a dor do outro de maneira imaginária ou por afinidade.

² O conceito de **compaixão**, diferente da empatia, aqui definido por referência à leitura que a Psicologia oferece, corresponde ao testemunhar do sofrimento de alguém acompanhado da intenção de minimizar esse sofrimento que o outro está a sentir e motivação para ajudá-lo.

Capítulo 2 – Enquadramento Teórico

i. Nota introdutória

Este capítulo procura explorar as principais correntes teóricas acerca das representações mediáticas de migrantes e refugiados, relacionando-as e pondo-as em discussão com os mecanismos subjacentes à construção cultural das emoções, na medida em que estas impactam profundamente as categorizações construídas de migrantes e refugiados em resposta às narrativas dos meios de comunicação social.

ii. Perceção pública dos fenómenos migratórios

A diversidade é indiscutivelmente a característica mais controversa das sociedades modernas. A natureza de um mundo em que as fronteiras sociais, culturais e geográficas tradicionais deram lugar a representações cada vez mais complexas de identidade, cria novas questões e novas demandas para cientistas sociais e políticos. Entender a psicologia da diversidade social e cultural é fundamental para a forma como respondemos estas questões e atendemos a essas exigências (Crisp, 2010).

Isto poderia levar-nos a pensar que vivemos em sociedade cada vez mais abertas ao acolhimento do outro e da sua diferença. Na verdade, na maior parte do mundo, exceto na Europa, as pessoas estão mais favoráveis à manutenção ou aumento da proporção de imigrantes no seu país. É na Europa que encontramos atitudes mais negativas em relação à imigração, com uma maioria de 52,1% a consideração que a proporção de imigrantes deveria descer drasticamente (IOM, 2015).

Importa, então, compreender que a perceção da ameaça desempenha um papel importante na visão europeia de hoje do mundo. Os medos incluem o medo do desemprego e os sentimentos de insegurança num mundo de "inimigos" numerosos e muitas vezes mal definidos. Esta perceção geral de ameaça e influencia sentimentos anti-imigração, reações de distância ou mesmo hostilidade em relação aos imigrantes. Grupos populistas exploram as circunstâncias, agravando ainda mais esses sentimentos (Comissão Europeia, 2006).

As pessoas tendem a ter uma perspetiva bastante inflacionada no que respeita à proporção de imigrantes face à população nacional. Em Portugal, esta tendência aparece comprovada, por exemplo, nas respostas ao inquérito Transatlantic Trends: Mobility,

Migration and Integration, onde as estimativas de população imigrante a residir no país rondam os 35% (Transatlantic Trends, 2014), valor bastante superior aos 8% que efetivamente se verificam. Este considerável desfasamento entre a perceção e a realidade no que respeita ao peso dos imigrantes em relação à população total é também evidente na análise das diferentes edições do Inquérito Social Europeu, particularmente no de 2002/2003 e 2014/2015, nos quais a estimativa que os inquiridos fazem da população migrante no país é sempre superior à realidade, sendo que entre 2002 e 2014 aumentou significativamente este desfasamento (Gomes e Oliveira, 2019).

Das duas fontes referidas no parágrafo anterior resulta que Portugal é, de facto um dos países no qual é maior a diferença entre o número de imigrantes estimado e a percentagem real de imigrantes na população portuguesa. No entanto, esta perceção não é acompanhada de uma correspondente hostilidade, sendo que ao longo dos últimos 15 anos se tem verificado uma atitude mais favorável perante a imigração em Portugal, assim como em grande parte dos outros países europeus (Gomes e Oliveira, 2019).

a) Representações mediáticas dos migrantes

As representações mediáticas dos migrantes são absolutamente determinantes na perceção pública dos fenómenos migratórios, pelo que se revela de extrema pertinência a compreensão do papel dos media (meios de comunicação social) nessa perceção (Eberl *et al.*, 2018).

Os meios de comunicação social representam uma importante lente através da qual as pessoas leem, analisam, interpretam e se posicionam sobre o mundo e os acontecimentos. Desde 2015 que as notícias acerca de migrantes e refugiados são uma presença constante e muito forte em todos os meios de comunicação social. É através dos telejornais, dos jornais impressos ou online, da partilha de notícias nas redes sociais que a população em geral sabe o que está a acontecer em termos de deslocações de massas que fogem de conflitos e da pobreza. Assim, a imagem que se cria e a representação que se faz destes imigrantes é fruto das mensagens que são recebidas através dos meios de comunicação social.

Apesar dos meios de comunicação social se assumirem como imparciais no mundo ocidental, a verdade é que, não raras vezes, eles apresentam-nos a informação de forma

tendenciosa e subjetiva. Assim, o conteúdo informativo ao qual temos acesso e que define a construção da realidade é o que os meios de comunicação social nos transmitem E há muitas vezes aqui pressupostas errados, falaciosos (Alatas, 2005).

A forma como as minorias são representadas nos meios de comunicação social responde, num formato algo simplista, à reprodução de estereótipos, veiculando a ilustração de grupos minoritários com base em generalizações de casos isolados com impacto mediático sendo que os próprios grupos representados não se reconhecem na imagem que é transmitida (Silverstone e Georgiou, 2005). Isto é ainda mais relevante, se compreendermos que é dessas ilustrações veiculadas pelos media que as pessoas em geral definem a sua categorização dos outros e a forma como se relacionam com eles (Carvalho, 2008), particularmente quando a esse outro é atribuída uma identidade de grupo que partilha características e valores específicos e frequentemente distantes da maioria.

Não obstante as diferenças na forma como a imigração e os grupos de migrantes estão representados nos meios de comunicação social, é possível observar padrões comuns. Embora o enquadramento possa ser diferente com base nos grupos migrantes específicos em que o discurso se centra, a cobertura da imigração é frequentemente negativa e centrada no conflito. Assim, os migrantes são geralmente sub-representados e apresentados como delinquentes ou criminosos (Eberl *et al.*, 2018). A exposição da população a essas mensagens nos meios de comunicação social leva a atitudes negativas em relação à migração, podendo criar percepções estereotipadas dos grupos migrantes.

Dentro da União Europeia, estas atitudes podem variar muito consoante os países: no Reino Unido, por exemplo, as pessoas têm atitudes bastante negativas em relação à imigração no geral, sendo que os cidadãos suecos têm tendência a relatar atitudes positivas perante os imigrantes no seu país (*idem*).

Os conhecimentos acerca da imigração construídos a partir dos meios de comunicação social podem alterar as percepções e atitudes das pessoas em relação aos imigrantes, sendo visível que a negatividade na cobertura mediática aumenta o entendimento que as pessoas têm da questão da imigração como mais problemática em relação a outras questões políticas (Boomgaarden & Vliegenthart, 2009). Aliás, simplesmente enfatizando a etnicidade dos assuntos noticiosos (isto é, tornando-os visíveis), os meios noticiosos

podem aumentar a hostilidade fora do grupo no público dos meios de comunicação nativos (Sniderman, Hagendoorn, & Prior, 2004).

Vários estudos apontam a tendência para o aumento da negatividade nas coberturas noticiosas, estando demonstrado que as pessoas estão mais interessadas e são mais reativas à informação negativa (Vliegenthart et al., 2011). Por conseguinte, os jornalistas que querem que o seu conteúdo seja lido, tenderão a ser enviesados para um estilo de reportagem mais negativo (Soroka & McAdams, 2015).

Nos estudos sobre o discurso da imigração na Europa, a negatividade está presente em duas dimensões principais: a tonalidade negativa vs. positiva da cobertura mediática, por um lado, e a centralidade do crime e do problema nas notícias, por outro (Eberl *et al.*, 2018). No entanto, há nuances claras que distinguem os imigrantes oriundos de países dentro da União Europeia dos que chegam de países africanos ou do Médio Oriente (Horsti, 2008), sendo que grupos de migrantes não europeus são muito mais suscetíveis de serem associados à criminalidade violenta do que os imigrantes ou nativos europeus.

Outra fonte de negatividade nas reportagens dos meios de comunicação social sobre os movimentos de imigração e refugiados em particular, tem a ver com o facto de os jornalistas retratarem frequentemente de forma muito negativa os imigrantes e refugiados como "massas" ou "hordas", ou seja, como inimigos que invadem os países europeus (Charteris-Black, 2006).

Em alguns países, os grupos de migrantes de uma fé específica podem ser mais estigmatizados do que noutros. Por exemplo, na Holanda, as representações de judeus são menos negativas do que as de imigrantes muçulmanos (Lubbers et al., 1998).

Para Haque, os meios de comunicação social são um incontornável agente influenciador, e retratam o islamismo focando nos seus pontos mais antagónicos por comparação às sociedades ocidentais, retirando-lhe toda a beleza dos seus valores mais basilares (Haque, 2008).

O chamado “mundo ocidental” tem sido alvo de ataques terroristas e a cobertura noticiosa desses acontecimentos não tem sido imparcial. O ataque terrorista que aconteceu a 11 de setembro de 2001 é um marco incontornável nesta análise (Goldstein, 2010). Após este momento decisivo para a história mundial, seguido pelos ataques em 2004 e 2005 em Madrid e Londres respetivamente, os sentimentos de insegurança e ameaça tornaram-se

constantes, aumentando a vigilância e os poderes de controlo por parte das formas de segurança estatais. Em nome da “luta contra o terrorismo” (Hall, 2012), a livre circulação de pessoas ficou posta em causa e os movimentos migratórios vêm-se mais condicionados que nunca.

Segundo Chirs Allen, que se debruça sobre a representatividade do islamismo e dos muçulmanos nos media britânicos (Allen, 2012), o tipo de cobertura feito e apresentado pelos meios de comunicação social provoca e aumenta sentimentos de insegurança, desconfiança e ansiedade na comunidade não muçulmana, ao mesmo tempo que leva também à insegurança, vulnerabilidade e sentimento de alienação da população muçulmana, o que dificulta que o governo possa tomar medidas para prevenir e reduzir o extremismo. Por outro lado, e nesta mesma linha, o foco dado pelos media não ajuda a diminuir os níveis de crimes de ódio e os atos de discriminação contra muçulmanos, ao mesmo tempo cria ainda mais obstáculos a discussões e debates informados entre muçulmanos e não-muçulmanos sobre formas de trabalhar em conjunto para manter e desenvolver a Grã-Bretanha como uma democracia multicultural e multi-religiosa.

Segundo Kellner (2005), os media estão cada vez mais preenchidos por conflitos sociais e políticos, que prendem a atenção do público que não consegue deixar de acompanhar estes fenómenos. Consequentemente, assiste-se à vulgarização do terror e do medo, fomentando atitudes hostis para com refugiados (Zemblyas, 2010).

Ao mesmo tempo, os refugiados não vêm reconhecidos o seu aspeto individual, sendo conotados negativamente, considerados pelos Estados de alguns países como ameaças à coesão social e perigo de terrorismo (Newman, 2003), e barrados nas fronteiras de entrada nos seus territórios.

Outro quadro comum na investigação mediática sobre imigração é o quadro de vitimização, que é definido por referência à distinção entre vítima e infrator. No contexto europeu, este quadro é aplicado principalmente em relação a mulheres, refugiados e requerentes de asilo, retratando os imigrantes como necessitados de ajuda, e dissociando as ideias de criminalidade e infração a estes migrantes ou refugiados (Eberl *et al.*, 2018).

Greussing e Boomgaarden (2017) mostram que o quadro de vitimização é particularmente importante no início de um ciclo de notícias, como exemplificado pela atual crise dos refugiados. Isto é, a imagem da vítima é central enquanto um evento ainda é novo e se

desenrola, tornando-se menos relevante no seguimento noticioso dos acontecimentos e implicações para as sociedades de acolhimento. Uma vez que o quadro de vitimização apela frequentemente ao sofrimento injusto de imigrantes, não é de surpreender que este quadro desperte emoções de compaixão nos leitores (Ebelr *et al.*, 2018).

Para além da personificação de vítima, a análise dos discursos mediáticos encontra ainda a figura do herói, particularmente quando os refugiados são retratados como arriscando a vida para salvar e sustentar as suas famílias. Embora o quadro de vitimização possa nem sempre ajudar a causa dos migrantes, o quadro de heroísmo retratado nos meios de comunicação social pode vir a promover políticas de imigração mais abertas e acolhedoras (Horsti, 2008).

Os debates públicos sobre as questões da migração são importantes e, sem dúvida, a cobertura mediática pode ter efeitos ponderados nas atitudes do público em relação à imigração e ao impacto perceptível da imigração (Chauzy & Appave, 2014). Não podemos, contudo, ignorar que os meios de comunicação social têm a sua própria agenda, isto é, precisam conseguir audiência e oferecer conteúdos que lhe permitam competir nesse mercado que são as diferentes televisões, os diferentes jornais, rádios ou revistas, e precisam de ter lucro (Cunha e Santos, 2006). Assim, os assuntos a narrar são selecionados pela sua capacidade de chocar ou envolver, criando medo ou empatia, enfatizando determinados aspetos mais do que outros, criando um artigo mais de leitura apetecível do que de retrato fiel na realidade (McQuail, 2003).

Haque reforça a importância dos meios de comunicação globais enquanto ferramenta com poder de passar mensagens e influenciar as sociedades. Este sentido de globalização teve e tem impacto na definição da cultura, dos movimentos sociais e políticos e contribui para mudanças significativas, tanto positivas como negativas, desempenhando um papel relevante nas guerras e nos conflitos mundiais, particularmente pela falta de objetividade e imparcialidade (Haque, 2008).

Na verdade, apesar de os meios de comunicação social serem frequentemente apontados como potenciadores de comportamentos discriminatórios, eles poderão ser agentes protagonistas na partilha de valores de acolhimento e de discursos que promovam a aceitação e compreensão do outro (Cunha e Santos, 2006), promovendo o desenvolvimento de uma sociedade não só aberta à diferença em geral, como reconhecadora dos benefícios que a multiculturalidade pode trazer às suas comunidades.

Na primeira década do séx. XXI, começou a verificar-se uma maior preocupação com o papel dos meios de comunicação social no que respeita às transformações demográficas e ao incremento dos movimentos migratórios, apontando-se a importância de aprofundar os conhecimentos dos jornalistas acerca de temas como cidadania, discriminação e migrações, e também de garantir que as minorias possam estar representadas nos meios de comunicação social, para que as suas vozes sejam ouvidas na construção das notícias e das narrativas apresentadas ao público (Cunha e Santos, 2006).

Tendo em conta o impacto inegável dos meios de comunicação social na opinião pública, importa analisar e compreender a forma como os conteúdos são transmitidos e verificar se há estereótipos e mensagens veiculadas com potencial para influenciar comportamentos discriminatórios e atitudes racistas (Peixes et al., 2008).

Os profissionais dos meios de comunicação social devem desenvolver competências de compreensão intercultural para poderem trabalhar efetivamente num ambiente de diversidade, melhorando o seu sentido de rigor, imparcialidade e justiça. Mal-entendidos públicos sobre atitudes, características e presença dos migrantes no país de residência (migração, número de trabalhadores migrantes no mercado de trabalho, etc.) criam condições que incentivam o etnocentrismo e a discriminação entre a população, a segregação e a marginalização entre imigrante. Neste sentido, a falta de informação rigorosa e sensibilização da sociedade de acolhimento foram identificados como o desafio mais importante para abordar a diversidade no local de trabalho e a luta contra a discriminação (European Comission, 2010).

Atividades de sensibilização são importantes para aumentar o conhecimento e a disponibilidade das pessoas para a inclusão. Permitem aos grupos interessados desenvolver opiniões mais informadas sobre a diversidade e ajuda a participar de forma significativa no processo de integração.

As atividades de sensibilização que se baseiam nas histórias de migrantes individuais e na experiência das associações de imigrantes capacitam os imigrantes, aumentando sua voz pública, expandindo sua esfera de ação e abrindo oportunidades para parcerias organizacionais, ao mesmo tempo que elevam o perfil dos migrantes e aumentam as questões de integração na agenda pública, o que pode levar a perceções públicas mais bem informadas e mais equilibradas sobre migração e integração.

Informações comparáveis sobre os grupos de imigrantes e a população comum podem trazer lacunas de informação divergentes sobre questões de integração. Inquéritos e pesquisas também podem refletir os efeitos dos preconceitos sobre a opinião pública. Pesquisas longitudinais e estudos documentais podem ajudar os decisores políticos e os investigadores a avaliar o impacto de estratégias que visam aumentar e melhorar a consciência pública para estes assuntos.

b) Representações mediáticas dos migrantes em Portugal

Os meios de comunicação social são um dos principais agentes na construção e reprodução da identidade nacional, ligando os diferentes locais numa pertença simbólica onde se concretiza e encontra a comunidade nacional. Canais como os jornais, as rádios e a televisão partilham valores e referências comuns que se conjugam e consubstanciam no sentimento de pertença ao país (Costa, 2010).

A imigração é, hoje em dia, uma temática recorrente nos diferentes meios de comunicação social em Portugal. Os acontecimentos mundiais neste princípio de século, mais ainda desde o pico da consciência pública acerca dos movimentos migratórios em 2015 tem influenciado a forma como os próprios media abordam estes assuntos.

Face à importância da competição pelas audiências no panorama televisivo, crimes e eventos associados a imagens com potencial de chocar e causar impacto são privilegiados no tempo de antena. Há, assim, um impacto inicial que quebra a barreira da indiferença da maioria da população e permite criar criado um envolvimento emocional com os intervenientes retratados (Costa, 2010).

Em termos de imprensa escrita, o tema das migrações surge maioritariamente associado a atos judiciais e delitos. Com menos preponderância, mas ainda significativo destaque, surge a exploração das questões relacionadas com as migrações através duma perspetiva mais humanista, com referências às ações humanitárias e atos de solidariedade, e medidas de acolhimento e promoção da integração dos imigrantes. Em igual proporção, relatos de iniciativas sociais e públicas que favorecem a convivência multicultural, e ainda a denúncia de abusos e atos de criminalidade e infligidos aos imigrantes (Rosário et al., 2018).

A população imigrante e as minorias são frequentemente noticiadas em associação a fatores negativos e até promotores de sentimento de insegurança (como crimes, pobreza, desemprego e prostituição). Embora diferentes estudos realizados ao longo das duas últimas décadas testemunhem uma tendência para a atenuação das mensagens passadas nos media no que diz respeito ao estereótipo racial (ERC, 2008), o reforço da categorização da diferença na opinião pública continua a atribuir aos imigrantes e minorias uma visibilidade e uma perceção pública que tende a reforçar sentimentos de rejeição e xenofobia que se espelha nos discursos sobre os mesmos (Peixe et al., 2008).

A Lei da Imprensa, a Lei da Televisão e a própria Constituição portuguesas, assim como o próprio Estatuto dos Jornalistas, preveem dispositivos legais que proclamam a não discriminação das pessoas. No entanto, um estudo realizado pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social em 2008, que versou sobre o tratamento da imigração e da diversidade étnica, linguística, religiosa e cultural na imprensa e na televisão em Portugal, concluiu haver uma clara tendência para dar destaque às características negativas quando as ocorrências noticiadas eram protagonizadas por (ou envolviam) imigrantes ou membros de outras minorias. Por outro lado, o assunto central era, na maioria das vezes, relacionado com prática de crimes e condutas desviantes e/ou tidas como desajustadas, fomentando desconfiança e insegurança na população em geral (ERC, 2008).

A partir da perceção gerada pelos media – positiva ou negativa –, o efeito de aceitação ou rejeição dos imigrantes pela opinião pública é automático. Os temas relacionados com a imigração entraram definitivamente nas rotinas de produção da imprensa e da televisão. No entanto, os artigos escritos ou reportagens televisivas acerca da população imigrante são largamente dominados por temáticas negativas (como a criminalidade e conflitos), continuando a verificar-se, até há cerca de dez anos atrás, a ausência de notícias que foquem contributos positivos dos imigrantes para o país, seja pela contribuição para o saldo demográfico crescimento económico da sociedade portuguesa (Ferin e Santos, 2008).

Assim, o racismo e a discriminação surgem como justificados pela perceção do aumento da criminalidade, pelo aumento do desemprego e pela convicção de que os imigrantes representam um encargo muito pesado para a Segurança Social portuguesa. No entanto, a comparação entre os estudos desenvolvidos ao longo dos últimos 15 anos parece mostrar uma evolução positiva, particularmente uma maior preocupação na abordagem

de outras temáticas associadas a imigrantes e minorias, como interculturalidade, integração, acolhimento, melhorias no crescimento demográfico, etc. (Rosário, Santos e Lima, 2011).

Ao longo de três estudos acerca de *Media, imigração e Minorias Étnicas* realizados pelo Observatório das Migrações do Alto Comissariado para as Migrações entre 2003 a 2006, é possível verificar que têm vindo a verificar-se alterações na abordagem aos temas da imigração e das minorias étnicas por parte tanto da imprensa escrita como da televisão. Assim, no último estudo é já possível perceber diferenças significativas em relação à análise realizada três anos antes, destacando-se as transformações discursivas com que estes temas são tratados. Em 2006, embora as temáticas principais continuem a ser criminalidades e conflitos, era já possível encontrar um número maior de artigos e reportagens mais focadas em factos, noticiados através de argumentação assertiva e tom neutro (Ferin e Santos, 2008).

A situação em Portugal parece, então, ser mais complexa do que noutros países europeus. Conquanto a análise aos meios de comunicação social indique uma representação diferenciada consoante as minorias e os diferentes canais de média, a superficialidade e a falta de rigor das notícias e o enviesamento das imagens apresentadas, resulta em que não seja ainda considerada satisfatória a representação que é feita dos imigrantes no nosso país (Oliveira e Gomes, 2019).

iii. As emoções nos discursos mediáticos e a construção cultural das emoções

Os meios de comunicação social têm o poder de despertar em nós emoções, e não apenas pelos acontecimentos que transmitem. Não encerrando quaisquer emoções em si próprios, os media passam mensagens, narrativas e enquadramentos que conduzem a respostas emocionais específicas (Doveling, et al, 2011). As notícias com as quais tomamos contacto, seja porque lemos na imprensa escrita digital ou em papel, porque ouvimos na rádio ou vimos em programas jornalísticos na televisão, têm o potencial de desencadear estados emocionais imediatos em nós; a forma como informações, factos, eventos e conhecimentos são veiculados têm o poder de nos fazer sentir ansiosos, irritados, tristes, entusiasmados ou esperançosos. Esta capacidade dos meios de comunicação social de provocar e modelar emoções nos recetores não pode ser ignorada, tanto mais quanto os

media têm o potencial imenso de alcance, ampliando a abrangência das mensagens que transmitem.

“Os sentimentos controlam e são controlados pela sociedade.”

(Lutz, 1988)

Contrariando a leitura biológica das emoções, segundo a qual nada parece mais natural e, portanto, menos cultural que as emoções, por um lado, ao mesmo tempo que nada mais privado, por outro e, por isso, menos acessível, Catherine Lutz propõe pensar as emoções a partir de relações culturais e históricas (1988). A visão ocidental de emoção concretiza-se numa estrutura psicobiológica, enquanto uma dimensão do individual. No entanto, a visão alternativa da antropologia das emoções contesta, num caminho iniciado por Lutz, esta visão não construída das emoções.

Sarah Ahmed, na sua obra *The Cultural Politics of Emotion* (2004), investiga como as emoções são a base dos movimentos sociais e podem tornar-se o espaço do trabalho político, explorando o papel das emoções na construção cultural das relações com o mundo nas diferentes formas em que se concretiza o outro. Para esta autora, as emoções estão na base das ações que enquadram as relações, na medida em que definem a posição perante o outro: de medo, de compaixão, ora aproximando, ora afastando.

Importa compreender como Ahmed entende as emoções: por contraposição ao modelo de interioridade das emoções que é central na psicologia – segundo o qual a pessoa tem determinadas emoções e essas emoções são suas – a autora acredita que as emoções devem ser analisadas enquanto práticas sociais e culturais, com espaço de origem e atuação que ultrapassam as fronteiras de uma pessoa enquanto sujeito individual.

Na referida obra, Ahmed apresenta dois possíveis modelos de compreensão das emoções, para rebater ambos, trazendo à luz uma nova abordagem. Assim, enuncia em primeiro lugar o “inside out model of emotions”, que compreende as emoções e sentimentos como surgindo do individual e sendo exteriorizadas à medida que são expressados ou dirigidos em relação a outras pessoas e/ou objetos; depois apresenta o modelo oposto – “outside in model of emotions” – que identifica a fonte ou origem das emoções no exterior, que provocam impacto no interior, no individual. A autora traz então uma nova abordagem:

o *modelo da socialidade das emoções*, segundo o qual são as próprias emoções que criam e delimitam os espaços e fronteiras de interação, concretizando a distinção entre o interior e exterior. Logo, as emoções deixam de ser vistas como algo que uma pessoa tem, para se perceber que é através delas, isto é, de como reagimos a pessoas e objetos, que superfícies ou limites são criados: o individual e o coletivo são, então, definidos e construídos a partir desse contacto com os outros. Assim, as emoções não estão "dentro" nem do indivíduo, nem do social, antes criando delimitações que permitem que o indivíduo e o social se operacionalizem como objetos da emoção. Isto é dizer que seriam afinal os objetos de emoção a circular, ao invés da emoção por si só.

A perspetiva antropológica no entendimento das emoções, e o destaque dado aos seus fundamentos culturais da linguagem da emoção não significa que o estudo do comportamento humanos não possa desvendar outros aspetos que lhe são inerentes (Lutz, 1988).

As emoções, fenómenos completos desencadeados por estímulos externos e internos, desempenham funções essenciais na vida humana, cumprindo três funções basilares: preparar o organismo para a ação (adaptação), comunicar sentimentos (socializar) e optar por determinado comportamento (motivação). Segundo Sônia Gondim (2013), podemos falar de emoções grupais e intergrupais – que são vivenciadas pelos indivíduos quando eles se identificam com o grupo social (identidade social), fazendo esse grupo parte de sua identidade pessoal. A percepção de ameaça de um grupo estrangeiro ativa a identidade social e contribui para o surgimento de emoções intergrupais repercutindo na manifestação de comportamentos discriminatórios em relação a estrangeiros.

Neste contexto, o preconceito surge com base nas características negativas de determinada pessoa pelo facto de não pertencer ao grupo social com o qual o indivíduo se identifica, mas a um grupo social visto de forma depreciativa no geral. Do preconceito surge, por sua vez, a discriminação, que concretiza já num comportamento ou numa intenção de diferenciar as pessoas, valorizando as que integram o grupo ao qual acredita pertencer e desvalorizando ou mesmo maltratando as que pertencem a esse grupo ao qual é atribuída conotação negativa (Gondim, 2013).

Na visão construtivista, a emoção é uma consequência de outras forças e sua capacidade de influenciar processos sociais é negligenciada, se não for implicitamente negada (Barbalet, 2001). Segundo Barbalet, a relação entre emoção e razão pode ser vista

segundo três perspectivas diferentes: a abordagem convencional, que nos diz que a emoção é o contrário da razão; a abordagem crítica, que vê a emoção como suporte da razão por lhe dar sentido; e a abordagem radical, na qual a emoção e a razão são vistas como um processo contínuo. Esta autora procura perceber de que forma as emoções, como o medo, a vergonha ou a confiança, desempenham um papel determinante nos processos sociais, e demonstra a centralidade das emoções em todas as interações humanas e nas subjacentes construções sociais.

As emoções desempenham um papel significativo na forma como os indivíduos aprendem, adotam ou rejeitam as distinções conceituais que categorizam pessoas e grupos ao longo de diferentes linhas de pertença. Em particular, na experiência da migração pessoal e de outros, os indivíduos podem ser confrontados com uma variedade de emoções e podem se referir a várias categorias de emoção para dar sentido às possíveis diferenças e semelhanças entre eles e os outros.

Zembylas fala da importância da educação intercultural e, também aqui, de como as representações e as narrativas dos migrantes são construções altamente emotivas, a partir das quais a sociedade de acolhimento dá sentido às suas opiniões sobre como os migrantes são diferentes ou similares, criando a ambivalência de experienciar posições simultâneas e contraditórias, que resultam ora em medo, ora em empatia (Zembylas, 2012).

Segundo Stephan & Stephan (2000), ameaças e os medos construídos dentro de um determinado grupo são as principais causas de preconceito e discriminação. Esta teoria divide as ameaças em quatro tipos: realistas, simbólicas, intergrupais (nas interações com pessoas exteriores ao seu grupo) ou estereótipos negativos em relação a todos os que não pertencem.

A associação intuitiva entre imigrantes e criminalidade tem por base o desconhecimento do outro, a intolerância para com os seus comportamentos e escolhas culturais e a multiplicação de notícias alarmantes que relatam casos de violência e de atos ilegais praticados por estrangeiros sobre os quais recaem, cada vez mais, sentimentos antinómicos e de rejeição (Guia, 2010).

É ainda pertinente atentarmos, neste contexto, à ideia de “pânico moral”, que Stanley Cohen usa para definir a reação de um grupo de pessoas baseada na perceção falsa ou empolada de que o comportamento de um determinado grupo, normalmente uma minoria

ou uma subcultura, é perigoso e representa uma ameaça para a sociedade no seu todo (Cohen, 1972).

Este conceito ajuda a compreender o fenómeno que acontece atualmente com muçulmanos, pela forma como estes são apresentados e estereotipados pelos media. Assim, essas reações de medo são muitas vezes estimuladas pela cobertura ou propaganda dos meios de comunicação social em torno dos ataques terroristas e dos comportamentos característicos do islamismo mais antagónicos aos valores tradicionais do mundo ocidental.

Um grupo de investigadores da Universidade de Adelaide, na Austrália, está a estudar a relação entre os meios de comunicação social e as emoções, procurando compreender, por um lado, de que forma é que as emoções são usadas nos media e, por outro, de que forma as notícias narradas podem influenciar as emoções dos leitores (e outras audiências). Este grupo procura ainda descortinar como estas emoções partilhadas e/ou despoletadas pelos media podem levar a mudanças sociais e ações políticas. Num artigo de Amy Milka e Abaigéal Waterfield (Centre for the History of Emotions, 2016), investigadores do referido grupo, aborda-se o quão intrínseco e transversal ao nosso dia-a-dia são todas as mensagens que os media transmitem nos seus diferentes canais e, conseqüentemente, inevitavelmente estruturantes das nossas próprias visões e relação com o mundo nas suas múltiplas vertentes. Segundo estes autores, são estas notícias que nos ajudam a ver e, até, a sentir, toda a realidade à nossa volta. Assim, as notícias não só refletem as opiniões sociais como, na verdade, influenciam a própria construção destas opiniões. Neste sentido, os media podem não estar apenas a partilhar emoções sociais, como a despoletá-las, na medida em que oferecem discursos que tanto instilam o medo como inspiram esperança, tanto culpam quanto absolvem. Milka e Waterfield focam o poder impactante das narrativas, uma vez que facilitam exercícios de empatia e de compreensão do outro, provocando sempre uma resposta emocional. Estas respostas emocionais, embora individuais, não deixam de ser influenciadas pelo contexto social e cultural no qual se inserem, pelo que concretizam, frequentemente, em respostas de grupo.

Os meios de comunicação social permeiam o próprio tecido das nossas vidas. Desde verificar o nosso e-mail quando acordamos de manhã, passando pelo Twitter ou navegando pelas manchetes das notícias, estamos imersos num ambiente mediático

alargado. Todas estas mensagens dos media são constitutivas da nossa realidade. Ajudam-nos a ver, e até a sentir, o mundo que nos rodeia, na medida em que os meios de comunicação social têm o poder de indicar às audiências o que deve ser importante para elas como comunidade emocional, sugerindo – implicitamente - como devem responder emocionalmente a situações ou estímulos (Milka e Warfield, 2016).

As narrativas podem ser poderosas, permitindo ao leitor ou espetador imaginar a vida no lugar de outra pessoa (Green e Brock, 2000).

Os meios de comunicação social fazem com que as pessoas estejam, hoje em dia, mais expostas ao sofrimento dos outros, sendo que esta aproximação potencia a expressão da empatia e a exaltação de atitudes de compaixão (Fassin, 2012). Na sua obra *The Humanitarian Reason*, Didier Fassin explora a relação entre o sofrimento e a empatia, sendo a segunda inflacionada pelo testemunhar do primeiro.

Para este autor, o sofrimento social não é apenas uma categoria psicológica, como também uma construção política. Fassin analisa o tratamento dado à pobreza, às vítimas de guerras e catástrofes, aos migrantes em geral, do ponto de vista da crescente racionalidade humanitária que se configura como fundamental nesse campo político, explorando temas como o sofrimento social, o trauma, a compaixão.

Esta ideia da compaixão aparece sobretudo na análise que Fassin faz dos fluxos migratórios para a França nas décadas de 1990 e 2000. Através da sua investigação acerca da condição de migrantes, estrangeiros e excluídos, este autor identificou o conceito de ‘economias morais’, que consubstancia a valorização atribuída às pessoas e consequente hierarquização da noção de cidadania que conformam os tratamentos direcionados e melhor a vida de cada um, nas suas múltiplas dimensões. Segundo Fassin, as económicas morais seriam espelhados nos jogos normativos e sociais fundadores das práticas políticas atuais, trazendo a noção de ‘trauma’ como justificação para a *razão humanitária*, na medida em que é capaz de transformar o sofrimento e a compaixão em recursos políticos capazes de responder moralmente.

De acordo com o autor, o sofrimento é uma invenção recente. Isto é, apesar de existir sofrimento desde sempre, este permaneceu um assunto essencialmente privado. O sofrimento é, portanto, uma invenção recente, na medida em que entrou na esfera pública e se tornou uma questão política. Provavelmente, há 30 anos os imigrantes já se deparavam com muitos constrangimentos que os faziam sofrer. Mas isto não era um

assunto: nós não o sabíamos e eles não o disseram. Não havia nenhum lugar legítimo que o expressasse: o sofrimento não existia socialmente. Hoje, diz-nos Fassin, nós identificamos e reconhecemos este sofrimento. A ideia de que condições sociais difíceis, como a pobreza ou exclusão são fontes de frustração e a humilhação, tornou-se então familiar para nós. Este sofrimento já não é, nos dias de hoje, algo que deva ser escondido dos outros, sendo recorrentemente exibido em imagens, afirmado nos discursos e narrativas públicas, partilhado em entrevistas. Será este confronto próximo com o sofrimento que está na génese de resposta de empatia e compaixão.

Assim, e tendo em conta os diferentes contributos enunciados até aqui, importa perceber de que forma o sofrimento vivido pelos migrantes e refugiados pode desencadear respostas de empatia e compaixão.

Poderemos entender a enunciação do sofrimento enquanto emergência da compaixão e da empatia?

De que maneira as narrativas mediática podem favorecer a identificação com os migrantes e refugiados de forma a construir sentimentos de empatia e compaixão?

Como é que os leitores experienciam o sofrimento que é narrado nos discursos mediáticos?

A análise de seguida apresentada, explora as narrativas mediáticas da imprensa escrita em Portugal em matéria de migrações e asilo. Procurar-se-á construir sobre a forma como as emoções presentes nas narrativas mediáticas influenciam a leitura que é feita e, consequentemente, não só a forma como os acontecimentos são percecionados, como a relação que é estabelecida com os protagonistas.

Capítulo 3 – Análise de Conteúdo

i. Objetivos do estudo

A presente investigação tem como foco o conteúdo narrativo nas notícias sobre migrantes e refugiados. Assim, os principais objetivos serão: identificar as principais narrativas acerca de eventos relacionados com migrantes e refugiados, identificar as emoções que nestas narrativas estão associadas aos próprios migrantes, e caracterizar e compreender a forma como os migrantes nos e refugiados são representados pelos media nacionais.

ii. Fundamentação do método

Para a concretização dos objetivos acima descritos, este estudo adota a perspectiva da investigação qualitativa na análise das notícias.

Sendo uma investigação um meio pelo qual procuramos conhecer ou esclarecer determinada realidade – neste caso, a análise da presença de conteúdo narrativo potenciador de medo e discriminação face a migrantes e refugiados nos media nacionais – importa selecionar procedimentos, ou seja, métodos adequados ao processo reflexivo que pretendemos inferir. Assim, foi aqui privilegiado um método que desse espaço a uma análise forçadamente menos objetiva e dificilmente quantificável.

A escolha da **análise de conteúdo** justifica-se, nesta investigação, pelo interesse de atentar nos conceitos e termos utilizados pelos jornalistas na redação das notícias e dos artigos de opinião, procurando ainda descortinar a frequência de determinados conceitos ou sentidos enunciados, as repetições. Ao mesmo tempo, não procurando compreender a linguagem no que respeita ao seu funcionamento, a análise de conteúdo debruça-se, antes, sobre o que linguagem mostra, transmite acerca de algo que lhe é exterior (Quivy, 1998).

Assim, a análise de conteúdo é a técnica qualitativa que protagoniza os esforços de indução e compreensão no tratamento da informação e das mensagens veiculadas nas notícias selecionadas na amostra. Esta técnica consiste numa análise de comunicações a partir de “procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2009).

A análise de conteúdo tem três diferentes fases: (1) pré-análise, (2) exploração do material, e (3) tratamento dos resultados. Paralelamente, importa concretizar três

procedimentos diferentes: a codificação e a categorização, na fase de exploração do material, e as inferências e interpretação na última fase de tratamento dos resultados.

Esta técnica permite sistematizar a descrição das mensagens e das atitudes enunciadas nos textos recolhidos. Compreendendo que as significações nem sempre são expressas de forma objetiva, permite inferir sobre os dados coletados, suprimindo as incertezas originadas das hipóteses e pressupostos (Cavalcante, Calixto & Pinheiro, 2014).

A análise de conteúdo é particularmente valiosa em pesquisas que têm fins exploratórios ou de verificação, podendo ou não confirmar hipóteses ou suposições preestabelecidas (Vergara, 2006), apresentando várias opções de técnicas de análise dos dados, como elencam Minayo (2006), Guerra (2006) e Cavalcante et al. (2014): *temática ou categorial* - com a finalidade de descobrir os núcleos de sentido que constituem a mensagem, que por sua presença ou frequência podem significar alguma coisa para o pesquisador em relação ao seu objeto de estudo; *de avaliação ou representacional* - consistindo na mensuração das atitudes do locutor em relação ao objeto do qual fala (pessoas, coisas, acontecimentos), com o pressuposto de que a linguagem representa e reflete o sujeito que fala; *das relações ou associações* - na qual são tratadas todas as relações entre os componentes do discurso dentro de um texto; *léxica ou sintática* - que parte da contagem de palavras, tratando o conteúdo de um texto por meio do número de ocorrências de cada palavra, que, posteriormente, são classificadas de acordo com o seu significado.

Uma etapa fundamental da análise de conteúdo corresponde à categorização, realizada a partir dos procedimentos de exploração do material para encontrar as palavras ou expressões mais significativas do conteúdo da fala em estudo (Bardin, 1977). É um procedimento para a classificação, por meio de semelhanças e diferenças, que de acordo com as palavras ou expressões são reagrupadas por critérios previamente definidos.

Os discursos – orais ou escritos – e o vocabulário utilizados no domínio das migrações têm sido alvo de análise desde anos 70 (Barats, 2001), concluindo-se que a ênfase era dada a aspetos negativos que influenciavam a opinião pública acerca dos migrantes em geral, sendo a maioria das notícias acerca de criminalidade, diferenças culturais e clandestinidade.

Assim, refletir acerca das principais categorias presentes nas narrativas noticiadas pelos principais jornais portugueses através da análise de conteúdo permite compreender a matéria prima de que as pessoas em geral dispõem para criar opiniões e de onde partem

quando se estabelecem relações com indivíduos pertencentes a determinados grupos minoritários. Para Riggins (1997), “o Outro é uma construção discursiva exercida sobre aqueles que são percebidos como diferentes”, e essa construção torna-se a imagem e símbolo de todo um grupo de pessoas categorizados de forma semelhante.

Goodwin considera pertinente a análise de emoções como raiva, indignação, medo, desgosto, alegria e amor na pesquisa sobre política e protesto social, sendo as ferramentas de análise cultural especialmente úteis para examinar o papel das emoções na política (Goodwin, 2001). Parece, então, que esta premissa faz sentido neste âmbito de investigação, particularmente no possível conteúdo emocional nos discursos mediáticos analisados e respetivas tendências narrativas.

Os media têm sido alvo de vários estudos com representação de minorias enquanto foco de análise.

Em Portugal, a análise de conteúdo de notícias já foi usada, nomeadamente para compreender a imagem de imigrantes transmitida pela imprensa portuguesa, com base em notícias publicadas em jornais e revistas entre 2001 e 2002 (Cádima e Figueiredo, 2003). Aqui, o tema relatado como mais recorrente foi o dos “delitos”; de seguida, temas como o “acolhimento” e a “convivência” intercultural; ainda com considerável relevância, encontravam-se notícias acerca da exploração de trabalhadores estrangeiros em situação irregular por máfias.

Também o Observatório das Migrações realizou vários estudos (Cunha et al., 2004; Cunha et al., 2006; Ferin et al., 2008), com recurso à análise de conteúdo enquanto metodologia de análise de notícias de imprensa e de televisão. Nestes estudos, o tema mais frequente é o crime. O tom relativo aos imigrantes é, na maioria das notícias, negativo, principalmente nos dados referentes a 2003 e 2004, sendo que em relação a 2005 e 2006 se assiste a um tom mais neutro com narração factual dos acontecimentos e um foco menos enviesado (Rosário, Santos e Lima, 2011).

A análise de conteúdo foi ainda a metodologia escolhido pelo estudo da Entidade Reguladora para a Comunicação Social referido acima – “Imigração, diversidade étnica, linguística, religiosa e cultural na Imprensa e na Televisão: 2008” (ERC, 2009) – para analisar a forma como eram noticiados acontecimentos que envolvessem imigrantes ou outros grupos minoritários.

iii. Procedimento de recolha e análise dos dados

a) Processo de amostragem

Este projeto pretende analisar os discursos narrativos nas notícias relacionadas com refugiados e migrantes, com foco na verificação da hipótese teórica – *O conteúdo narrativo das notícias veiculadas em Portugal é potenciador de medo e discriminação face a migrantes e refugiados* – e na resposta às duas questões de investigação: *De que forma são retratados os imigrantes e refugiados nos media nacionais?* e *Que tipo de emoções estão mais presentes nas notícias sobre migrantes e refugiados veiculadas nos media nacionais?*

Para responder às questões levantadas e à hipótese considerada nesta investigação, irei utilizar a análise de conteúdo de notícias de jornais portugueses.

O processo de seleção das fontes de análise passou por dois momentos-chave: em primeiro lugar, compreender que tipo de notícias iria analisar: todas as notícias sobre imigrantes? todas as que tivessem referências a muçulmanos? em que período de tempo? e quantas?; em segundo lugar, de que forma selecionar que jornais iriam ser alvo desta análise: escolher os de maior tiragem? analisar apenas imprensa escrita?

Comecei por definir o período inicial de análise: 2015. Com tudo o que vem acontecendo nos fenómenos migratórios mundiais na época contemporânea, é em 2015 que a discussão pública em torno deste assunto se intensifica, quando correu mundo a imagem de uma criança morta numa praia da Turquia, em consequência do naufrágio de um barco de migrantes que procurava alcançar a costa europeia. Este evento despertou inúmeros debates políticos e sociais e dificilmente terá deixado alguém absolutamente indiferente.

No entanto, circunscrever esta investigação à análise das notícias sobre este evento traria, possivelmente, refutações ou conclusões pouco abrangentes ao fenómeno no geral, insuficientes para considerar a hipótese levantada e responder às questões de investigação.

A opção mais facilitadora de um maior espectro de conteúdo e posicionamentos revelou-se ser a de, dentro dos eventos relacionados com migrantes, selecionar, em cada ano, um evento ou momento de intensidade exemplar e esgotar as notícias daí decorrentes.

Para esta concretização, o primeiro passo envolveu largas leituras exploratórias em diversos jornais. Esta fase exploratória consistiu no seguinte:

1. Num primeiro momento, realizei pesquisas com palavras-chave como “migrantes”, “refugiados”, “muçulmanos”;
2. Através desta pesquisa, fui assinalando todos os eventos ou assuntos narrados;
3. Garanti a exclusão de todos os tópicos não diretamente relacionados com o objeto de investigação (como por exemplo, artigos relacionados com migração de animais ou êxodos populacionais não relacionados com a chamada “crise migratória”);
4. Dos eventos narrados, identifiquei os que estavam associados ao maior número de artigos nesse ano, selecionando, então, um único³ evento a explorar em cada ano.

Assim, em 2015, o evento alvo de análise é o naufrágio da embarcação de migrantes ao largo da Turquia em que é mencionada a imagem que correu mundo de Aylan Kurdi morto junto ao mar numa praia.

Em 2016, o ano inicia com relatos de roubos e violência física e sexual na noite de Ano Novo, numa cidade alemã, e é claramente esse o evento que mais chama a atenção dos jornalistas.

2017 é um ano em que decresce a atenção mediática ao tema dos refugiados. Sem nunca deixar totalmente a agenda mediática nacional, este tema teve muito menos destaque, sendo extremamente difícil selecionar um evento que se destacasse em detrimento de outros. Ainda assim, após demoradas pesquisas, a questão dos “abandonos” ou “fugas” dos refugiados acolhidos em Portugal foi a ocorrência selecionada para análise, ainda que com pouca expressividade no número de notícias produzidas.

Em 2018, o tema dos refugiados esteve com muita frequência associado às discussões internas na Europa, no que diz respeito aos processos de acolhimento. Isto esteve particularmente presente nas notícias sobre os barcos de salvamento usados por Organizações Não Governamentais para resgatar migrantes ao largo da costa da Líbia, cujo protagonista era o Estado italiano na sua recusa de aceitar estes barcos nos seus portos, impedindo o desembarque dos migrantes a bordo.

Por fim, e na sequência do ano anterior, 2019 vê a discussão em torno nos barcos de salvamento aprofundar-se perante a chamada “criminalização dos salvamentos”.

³ Com exceção de 2019, no qual foram selecionados dois eventos fortemente relacionados entre si, por vezes até abordados conjuntamente em alguns dos artigos analisados.

Em síntese, os eventos cujas notícias foram analisadas em cada ano são os seguintes:

2015 - Aylan Kurdi (o naufrágio de uma embarcação de refugiados é notícia pela imagem de uma criança morta de bruços na praia);

2016 - Conflitos de ano novo na Alemanha aparentemente provocados por refugiados;

2017 - Refugiados acolhidos que abandonaram Portugal;

2018 – Barco de salvamento *Aquarius* sem autorização de desembarque;

2019 - Criminalização dos salvamentos e voto sobre a criação de mecanismos europeus de proteção de vidas no Mediterrâneo.

No que respeita aos critérios de seleção das fontes, isto é, dos jornais a analisar, esta investigação tinha como propósito selecionar 3 jornais diferentes: um jornal diário, um jornal semanal e um jornal com presença unicamente online.

De acordo com dados de 2019 da Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (www.apct.pt), e segundo contabilização de subscrições mensais dos canais digitais dos jornais em Portugal, o *Público* é o jornal diário com maior presença digital, e o *Expresso* é o que tem maior presença digital de entre os jornais semanais portugueses.

No que respeita a jornais apenas com presença online, o *Observador* é o que mais se destaca, segundo a Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERCS, 2018), tendo inclusivamente recebido o prémio *Imprensa e Digital*, da revista *Marketeer* em 2019.

Desta forma, os jornais alvo de análise, através das pesquisas realizadas nos artigos publicados on-line, foram três: *Público*, *Expresso* e *Observador*.

Isto culminou na análise de um total de 223 artigos.

Importa ainda mencionar que nem todos os artigos selecionados eram especificamente sobre o evento (ainda que a grande maioria fosse), havendo alguns que estavam relacionados e tinham surgido na sequência do evento, pelo que considereei que faria sentido analisá-los sempre que houvesse referência específica ao evento em si e tivesse surgido em proximidade temporal do mesmo.

b) Procedimentos de recolha e tratamento dos dados

Para a análise das notícias, foram elaboradas grelhas de análise (ver anexo I). Para cada ano de análise e respetivo evento noticiado foi elaborada uma grelha com categorias específicas, de acordo com conteúdos mais repetidos após uma primeira análise empírica mais superficial. Posteriormente, numa leitura mais focada na análise de conteúdo, as categorias foram sendo consolidadas (acrescentando novas não identificadas inicialmente ou retirando outras que acabaram por não se revelar pertinentes na análise).

Assim, para cada ano/evento a analisar, foi construída uma grelha com as categorias das tendências narrativas mais presentes. Esta grelha foi, então, o instrumento que acompanhou a leitura mais aprofundada de cada notícia, identificando as categorias presentes em cada uma, com anotação dos respetivos excertos que o comprovam.

Após este trabalho exaustivo de análise de conteúdo, o tratamento de dados, apresentado de seguida no capítulo 4 deste documento, procurou compilar todas as categorias, com identificação do número de ocorrências. Esta identificação foi feita por primeiro por jornal e depois pelo total dos artigos analisados nesse ano, tanto em números absolutos como em números relativos. As categorias consideradas mais representativas – as que apresentavam ocorrência superior a 40% na totalidade dos artigos – foram então ilustradas com excertos concretos retirados das notícias.

Entendendo que “as palavras não são neutras” (Fairclough, 1995), foram ainda quantificadas as palavras mais repetidas, tanto em cada jornal, como no total de artigos analisados em cada ano. Este exercício foi realizado com o cuidado inicial de identificar as diferenças nas abordagens discursivas dos 3 jornais. No entanto, os resultados foram bastante semelhantes, pelo que optei por manter apenas a identificação das palavras mais repetidas, e usar a lista isolada dessas palavras ponto de partida, em jeito de fotografia, uma primeira abordagem superficial ao vocabulário mais presente nas narrativas de cada evento selecionado.

De acordo com Sara Ahmed (2004), importa atentar à repetição das palavras e à forma como essa repetição enfatiza o foco que lhe é dado na respetiva narrativa. Ao serem repetidas, as emoções acumulam valor, produzindo efeito através da reiteração.

Capítulo 4 – Tratamento de dados e discussão de resultados

i. Tratamento de dados

Os resultados do presente estudo apresentam-se, por um lado, sob a forma de categorias de presença, em que “não se tem em conta a dinâmica e a organização” (Bardin, 2009) e, por outro, sob a forma de narrativas de cada artigo, analisado como uma “totalidade organizada e singular” (idem). Esta opção deve-se ao facto de a primeira responder à questão – “Que dimensões estão presentes?” e a segunda, permitir uma leitura mais rigorosa das narrativas, dado que para as analisar é necessário compreender o conteúdo e a perspectiva que lhe dá corpo.

O tratamento de dados recolhidos com a análise de conteúdo aqui apresentada pretende compilar, ano a ano, as categorias que é possível identificar nas leituras das notícias seleccionadas, particularmente as de maior ocorrência, de modo a poder verificar a validade da hipótese teórica e responder às questões de investigação que impeliram este estudo, isto é, averiguar se o conteúdo narrativo das notícias veiculadas em Portugal é potenciador de medo e discriminação face a migrantes e refugiados, de que forma são retratados os imigrantes e refugiados nos media nacionais e que tipo de emoções aparecem enunciadas nestas narrativas.

Tendo em conta que esta investigação incide sobre 5 eventos distintos, importa, num primeiro momento, sistematizar isoladamente a análise de cada um desses eventos, verificando a hipótese teórica e respondendo às questões de investigação à luz própria da produção mediática analisada por referência ao evento específico seleccionado no respetivo ano. Assim, o tratamento de dados é forçosamente mais demorado e detalhado do que se estivéssemos perante uma análise de conteúdo com um foco comum, uma vez que cada evento tem o potencial de ser tratado de forma diferentes nas narrativas mediáticas que o transmitem. Desta forma, será apresentado o tratamento de dados em relação a cada ano / evento para depois, num segundo momento, discutir eventuais pontos em comum e concretizar um olhar transversal ao tratamento mediático dos assuntos relacionados com migrantes e refugiados.

Esta apresentação de resultados começa, em cada ano, com a lista das 30 palavras mais repetidas nos artigos analisados. A contagem de palavras mais repetidas em análise de conteúdo permite identificar o que tem maior destaque no respetivo texto. Sendo que neste estudo o foco é perceber de que forma os imigrantes e refugiados são representados nos media nacionais, identificar as palavras mais presentes nas narrativas que lhes dão corpo funciona como uma espécie de fotografia, na medida em que, ainda que não ofereça um olhar dinâmico e compreensivo da realidade que retrata, é um excelente ponto de partida para uma exploração mais profunda. Nesta análise, procura-se organizar as palavras mais repetidas em torno de três questões: *Quem?*, *O quê?*, e *Onde?*- mesmo que esta organização nem sempre espelhe de forma evidente o acontecimento que é narrado, oferece uma primeira leitura, identificando o que é destacado nas narrativas presentes nos artigos analisados.

Assim, segue-se a apresentação de resultados, de acordo com a seguinte estrutura:

- i) Identificação do ano e do evento selecionado;
- ii) Enunciação do número artigos analisados: total e por jornal;
- iii) Apresentação das palavras mais repetidas;
- iv) Tabela com identificação das categorias mais presentes nos artigos analisados e enunciação da presença de cada categoria nos artigos analisados nesse ano: total e por jornal;
- v) Breve desenvolvimento acerca das categorias mais representativas⁴, ilustrado com excertos⁵ dos artigos analisados, e orientado pelo foco na hipótese teórica e questões de investigação deste estudo.

Ano de análise: **2015**

- i) Evento selecionado: O naufrágio de uma embarcação de refugiados é notícia pela imagem de uma criança morta de braços na praia (Aylan Kurdi)
- ii) Foram analisados um total de **61 artigos**: 26 do *Público*, 19 do *Expresso* e 16 do *Observador*.

⁴ Categorias mais representativas - são aqui consideradas categorias mais representativas as que aparecem em, pelo menos, 40% da totalidade dos artigos analisados em cada ano.

⁵ São apresentados 3 excertos por jornal em relação a cada categoria mais representativa. Uma vez que as categorias mais representativas são definidas em função da presença no total dos artigos analisados e não por referência a cada jornal, este número é menor quando a categoria teve uma presença inferior a 3 artigos analisados nesse respetivo jornal.

iii) As palavras mais repetidas dos artigos analisados em 2015 constam da tabela 1, abaixo.

Tabela 1 - Palavras mais repetidas nos artigos analisados em 2015

1 refugiados	7 praia	13 criança(s)	19 viagem	25 pai
2 Europa	8 Turquia	14 guerra	20 crise	26 Canadá
3 Aylan Kurdi	9 Síria /sírios	15 Abdullah	21 outros	27 fronteira
4 mundo	10 chegar	16 asilo	22 Alemanha	28 imagem
5 país(es)	11 menino	17 barco	23 Hungria	29 Grécia
6 família	12 vida	18 filhos	24 fotografia	30 corpo

Esta primeira abordagem às narrativas acerca deste evento nos artigos analisados permite, então, fazer a seguinte leitura:

Quem? Refugiados, Aylan Kurdi, família, sírios, menino, crianças, Abdullah, filhos, outros, pai;

O quê? Chegar, vida, guerra, asilo, viagem, crise, fotografia, imagem, corpo;

Onde? Europa, mundo, países, praia, Turquia, Síria, barco, Alemanha, Hungria, Canadá, fronteira, Grécia.

iv) **Categorias de análise dos artigos selecionados em 2015** – após uma leitura exploratória dos artigos selecionados, foram definidas as seguintes categorias:

Tabela 2 - Categorias de análise dos artigos selecionados em 2015

(A) <i>Enunciação do islamismo e dos refugiados enquanto perigo social</i>	Presença em 14 do total de 61 artigos analisados (22,9%); 7 em 26 no <i>Público</i> (26,9%), 1 em 19 no <i>Expresso</i> (5,3%) e 6 em 16 no <i>Observador</i> (37,5%).
(B) <i>Presença de argumentos nacionalistas (“primeiro os nossos”)</i>	Presença em 6 do total de 61 artigos analisados (9,8%); 1 em 26 no <i>Público</i> (3,8%), 0 em 19 no <i>Expresso</i> (0%) e 5 em 16 no <i>Observador</i> (31,2%).
(C) <i>Enunciação da emoção / comoção</i>	Presença em 25 do total de 61 artigos analisados (41%); 12 em 26 no <i>Público</i> (46%), 10 em 19 no <i>Expresso</i> (52,6%) e 3 em 16 no <i>Observador</i> (19,7%).

(D) Enunciação do desespero	Presença em 18 do total de 61 artigos analisados (29,5%); 7 em 26 no <i>Público</i> (26,9%), 4 em 19 no <i>Expresso</i> (21%) e 7 em 16 no <i>Observador</i> (43,7%).
(E) Enunciação de choque	Presença em 29 do total de 61 artigos analisados (47,5%); 15 em 26 no <i>Público</i> (57,7%), 7 em 19 no <i>Expresso</i> (36,8%) e 7 em 16 no <i>Observador</i> (43,7%).
(F) Enunciação de drama, horror, tragédia	Presença em 17 do total de 61 artigos analisados (27,9%); 4 em 26 no <i>Público</i> (15,4%), 5 em 19 no <i>Expresso</i> (26,3%) e 8 em 16 no <i>Observador</i> (50%).
(G) Enunciação da morte	Presença em 33 do total de 61 artigos analisados (54%); 11 em 26 no <i>Público</i> (42,3%), 14 em 19 no <i>Expresso</i> (73,7%) e 8 em 16 no <i>Observador</i> (50%).
(H) Referência ao perigo / risco de vida no país de origem, fugir para sobreviver, enunciação da guerra	Presença em 29 do total de 61 artigos analisados (47,5%); 16 em 26 no <i>Público</i> (61,5%), 7 em 19 no <i>Expresso</i> (36,8%) e 6 em 16 no <i>Observador</i> (37,5%).
(I) Referência do perigo / risco de vida no percurso de fuga	Presença em 15 do total de 61 artigos analisados (24,6%); 5 em 26 no <i>Público</i> (19,2%), 5 em 19 no <i>Expresso</i> (26,3%) e 5 em 16 no <i>Observador</i> (31,2%).
(J) Enunciação de sonho, referências à esperança e procura de uma vida melhor, com segurança e paz	Presença em 29 do total de 61 artigos analisados (44,3%); 14 em 26 no <i>Público</i> (53,8%), 8 em 19 no <i>Expresso</i> (42,1%) e 5 em 16 no <i>Observador</i> (31,2%).
(L) Enunciação de solidariedade / compaixão / acolhimento	Presença em 29 do total de 61 artigos analisados (47,5%); 14 em 26 no <i>Público</i> (53,8%), 9 em 19 no <i>Expresso</i> (47,4%) e 6 em 16 no <i>Observador</i> (37,5%).
(L) Referência à diferença entre migrante e refugiado	Presença em 3 do total de 61 artigos analisados (4,9%); 2 em 26 no <i>Público</i> (7,7%), 0 em 19 no <i>Expresso</i> (0%) e 1 em 16 no <i>Observador</i> (6,2%).

v) As categorias mais representativas são:

(C) Enunciação da emoção / comoção

Público:

- “a emoção provocada pelas fotografias do menino”
- “disse, desfeito em lágrimas”
- “talvez as lágrimas não sejam em vão”
- “o mundo parou para chorar”

Expresso:

- “choram diante do corpo de Aylan Kurdi”
- “comoveu o mundo”
- “imagens que têm comovido o mundo”

Observador:

- “é comovente”
- “provocou emoção”
- “enquanto secava algumas lágrimas”

(E) Enunciação de choque

Público:

- “símbolo mais chocante da atual crise de migrantes”
- “conseguiu chocar o mundo”
- “estavam todos em choque”
- “choque para acordar o mundo”

Expresso:

- “a família da criança cuja foto chocou o mundo”
- “imagens de tão chocante morte”
- “em choque com a tragédia que sucedeu”

Observador:

- “provocou choque”
- “o choque que a tragédia provoca”
- “Estas estatísticas são chocantes”

(G) Enunciação da morte

Público:

- “muitas mortes invisíveis e anônimas”
- “todas as crianças que tiveram que morrer”
- “todos os dias há gente a morrer”

Expresso:

- “morrer a fugir à morte”
- “morrem cada vez mais pessoas”
- “os filhos que lhe vimos morrer”
- “lamentar a morte”

Observador:

- “eles e a mãe morreram naquela praia turca”
- “menino sírio de 3 anos que morreu afogado”
- “a viagem que acabou por tirar a vida”

(H) Referência ao perigo / risco de vida no país de origem, fugir para sobreviver, enunciação da guerra

Público:

- “fugindo, assim, dos horrores da guerra”
- “a fuga não é uma opção, (...) é a única saída”
- “refugiados sírios que procuram a sobrevivência”

Expresso:

- “fogem à morte nos países que abandonam”
- “fogem da pobreza e da guerra”
- “tentar escapar à guerra”

Observador:

- “fugir da guerra”
- “fogem da guerra e da ocupação brutal realizada por fundamentalistas islâmicos”
- “fugiu do país com a família porque não estavam seguros”

(J) Enunciação de sonho, referências à esperança e procura de uma vida melhor, com segurança e paz

Público:

- “desesperadas por chegar à segurança de um país em paz”
- “só queriam uma vida melhor”
- “sonho de viver em paz”

Expresso:

- “arriscam a vida para chegar à vida seguinte, aquele que imaginam melhor e menos ameaçada do que a deixada para trás”
- “sonho de viver em paz”
- “em busca de segurança”

Observador:

- “gente em movimento fugindo da morte ou procurando um futuro melhor”
- “por terem a esperança de um dia poderem recomeçar tudo num mundo possível”
- “por onde passam os refugiados a caminho da salvação”

(L) Enunciação de solidariedade / compaixão / acolhimento

Público:

Expresso:

Observador:

- “pedir aos Estados-Membros maior solidariedade no acolhimento dos refugiados que estão a chegar às fronteiras”	- “acredita que o país poderá acolher”	- “dever moral de acolher”
- “a tradição portuguesa é de acolhimento”	- “há, sobretudo, compaixão”	- “temos obrigação de os receber”
- “a sociedade está cada vez mais (...) desejosa de ajudar”	- “abrir as portas e mostrar ao mundo como todos deveriam acolher e salvar vidas”	- “Acolher refugiados é uma obrigação legal, moral e humanitária”

Assim, do universo de artigos analisados, as tendências narrativas acerca deste acontecimento são o choque e a comoção perante a fotografia da criança refugiada morta na praia, e a associação desta imagem a ao sofrimento dos refugiados que enfrentam vários perigos (desde a guerra no país de origem de onde fogem, ao risco de vida no próprio trajeto de fuga) na prossecução de uma vida digna com as suas famílias.

Por outro lado, importa atentar à forma como a narração deste acontecimento parece fomentar a solidariedade e a compaixão enquanto imperativo do acolhimento, havendo um grande enfoque na fuga para a sobrevivência e na busca de uma vida em segurança e em paz.

Tendo como farol a hipótese teórica e as questões de investigação que orientam este estudo, e ilustrando com excertos referidos acima, diríamos que o conteúdo narrativo do universo de notícias analisadas em 2015 não é potenciador de medo e discriminação face a migrantes e refugiados, antes promovendo um olhar de empatia, na medida em que estes refugiados e migrantes são retratados como pessoas que não têm outra solução senão fugir e lutar pela sua sobrevivência e para proporcionar uma vida pacífica às suas famílias, sendo-lhes frequentemente associados emoções como esperança, sofrimento e desespero.

Ano de análise: **2016**

i) Evento selecionado: Noite de Ano Novo na cidade alemã de Colónia com relatos e queixas de agressões cometidas por homens migrantes e refugiados.

ii) Foram analisados um total de **56 artigos**: 13 do *Público*, 21 do *Expresso* e 22 do *Observador*.

iii) As palavras mais repetidas dos artigos analisados em 2016 constam da tabela 3, abaixo.

Tabela 3 - Palavras mais repetidas nos artigos analisados em 2016

1 Colónia	7 Angela Merkel	13 agressões	19 estação	25 árabe
2 mulheres	8 ataques	14 passagem	20 política	26 acolhimento
3 polícia	9 homens	15 cidade	21 Europa	27 requerentes
4 refugiados	10 asilo	16 país	22 grupos	28 autoridades
5 Alemanha	11 contra	17 violência	23 origem	29 vítimas
6 noite	12 sexuais	18 suspeitos	24 queixas	30 crimes

As palavras mais repetidas nos artigos analisados em 2016 oferecem a seguinte leitura superficial do evento em causa:

Quem? Mulheres, polícia, refugiados, Angela Merkel, homens, suspeitos, grupos, árabe, requerentes, autoridades, vítimas;

O quê? Noite, ataques, asilo, contra, sexuais, agressões, passagem, violência, política, origem, queixas, acolhimento, crimes;

Onde? Colónia, Alemanha, cidade, país, estação, Europa.

iv) Categorias de análise dos artigos selecionados em 2016 – após uma leitura exploratória dos artigos selecionados, foram definidas as seguintes categorias:

Tabela 4 - Categorias de análise dos artigos selecionados em 2016

<i>(A) Enunciação do islamismo e dos refugiados enquanto perigo social</i>	Presença em 35 do total de 56 artigos analisados (62,5%); 10 em 13 no <i>Público</i> (76,9%), 13 em 21 no <i>Expresso</i> (61,9%) e 12 em 22 no <i>Observador</i> (54,5%).
<i>(B) Presença do conceito "crise dos refugiados"</i>	Presença em 12 do total de 56 artigos analisados (21,4%); 4 em 13 no <i>Público</i> (30,8%), 4 em 21 no <i>Expresso</i> (19%) e 4 em 22 no <i>Observador</i> (18,2%).
<i>(C) Enunciação de violência, ataques, agressões</i>	Presença em 50 do total de 56 artigos analisados (89,3%); 10 em 13 no <i>Público</i> (76,9%), 20 em 21 no <i>Expresso</i> (95,2%) e 20 em 22 no <i>Observador</i> (90,9%).
<i>(D) Enunciação de criminalidade e ilegalidade</i>	Presença em 23 do total de 56 artigos analisados (41%); 5 em 13 no <i>Público</i> (38,5%), 8 em 21 no <i>Expresso</i> (38%) e 10 em 22 no <i>Observador</i> (45,4%).

<i>(E) Referência à origem dos suspeitos / Atribuição dos atos cometidos a refugiados</i>	Presença em 49 do total de 56 artigos analisados (87,5%); 10 em 13 no <i>Público</i> (76,9%), 19 em 21 no <i>Expresso</i> (90,5%) e 20 em 22 no <i>Observador</i> (90,9%).
<i>(F) Reforço de argumentos para o não acolhimento de refugiados em consequência dos ataques na noite de Ano Novo</i>	Presença em 40 do total de 56 artigos analisados (71,4%); 9 em 13 no <i>Público</i> (69,2%), 18 em 21 no <i>Expresso</i> (85,7%) e 13 em 22 no <i>Observador</i> (59%).
<i>(G) Adjetivação de conteúdo emocional negativo</i>	Presença em 22 do total de 56 artigos analisados (39,3%); 7 em 13 no <i>Público</i> (53,8%), 9 em 21 no <i>Expresso</i> (42,8%) e 6 em 22 no <i>Observador</i> (27,3%).
<i>(H) Enunciação do conceito de "vítima"</i>	Presença em 16 do total de 56 artigos analisados (28,6%); 2 em 13 no <i>Público</i> (15,4%), 5 em 21 no <i>Expresso</i> (23,8%) e 9 em 22 no <i>Observador</i> (40,9%).
<i>(I) Referência a polémica, protestos e manifestações</i>	Presença em 16 do total de 56 artigos analisados (28,6%); 0 em 13 no <i>Público</i> (0%), 11 em 21 no <i>Expresso</i> (52,4%) e 5 em 22 no <i>Observador</i> (22,7%).
<i>(J) Referências à morte, à guerra</i>	Presença em 10 do total de 56 artigos analisados (17,9%); 4 em 13 no <i>Público</i> (30,8%), 5 em 21 no <i>Expresso</i> (23,8%) e 1 em 22 no <i>Observador</i> (4,5%).
<i>(L) Enunciação de choque</i>	Presença em 11 do total de 56 artigos analisados (19,6%); 0 em 13 no <i>Público</i> (0%), 5 em 21 no <i>Expresso</i> (23,8%) e 6 em 22 no <i>Observador</i> (27,3%).
<i>(M) Enunciação de "medo"</i>	Presença em 11 do total de 56 artigos analisados (19,6%); 4 em 13 no <i>Público</i> (30,8%), 3 em 21 no <i>Expresso</i> (14,3%) e 4 em 22 no <i>Observador</i> (18,2%).
<i>(N) Enunciação da emoção / comoção</i>	Presença em 9 do total de 56 artigos analisados (16%); 3 em 13 no <i>Público</i> (23%), 4 em 21 no <i>Expresso</i> (19%) e 2 em 22 no <i>Observador</i> (9%).
<i>(O) Enunciação de solidariedade / compaixão / acolhimento</i>	Presença em 20 do total de 56 artigos analisados (35,7%); 3 em 13 no <i>Público</i> (23%), 10 em 21 no <i>Expresso</i> (47,6%) e 7 em 22 no <i>Observador</i> (31,8%).
<i>(P) Referência à diferença entre migrante e refugiado</i>	Presença em 1 do total de 56 artigos analisados (1,8%); 0 em 13 no <i>Público</i> (0%), 1 em 21 no <i>Expresso</i> (4,8%) e 0 em 22 no <i>Observador</i> (0%).

v) As **categorias mais presentes** são:

(A) Enunciação do islamismo e dos refugiados enquanto perigo social

Público:	Expresso:	Observador:
<ul style="list-style-type: none"> - “O drama dos refugiados continua a fazer estragos políticos e sociais” - “muitos europeus a temer que muitos refugiados possam ter intenções terroristas” - “as imagens dos incidentes alimentam toda a espécie de rejeição dos refugiados” 	<ul style="list-style-type: none"> - “perante o muçulmano, a mulher violada deixa de contar” - “perigos do mundo islâmico” - “as mulheres devem poder defender-se contra as bombas de testosterona islâmicas” 	<ul style="list-style-type: none"> - “defender as nossas mulheres contra os refugiados” - “esta forma que os muçulmanos têm de olhar para as mulheres como gado” - “os muçulmanos têm uma especial propensão para a violência, em especial contra as mulheres”

(C) Enunciação de violência, ataques, agressões

Público:	Expresso:	Observador:
<ul style="list-style-type: none"> - “marcada por uma onda de violência” - “agressões, incluindo sexuais” - “assalto descarado, violento e criminoso” 	<ul style="list-style-type: none"> - “ataque sexual coordenado” - “um ataque mais grave do que o ataque ao Charlie Hebdo” - “centenas de atacantes e alegados violadores” 	<ul style="list-style-type: none"> - “hordas de bárbaros estariam a cair como abutres sobre as mulheres na Alemanha” - “as violações e ataques contra mulheres na noite de passagem de ano” - “centenas de mulheres foram sexualmente agredidas”

(D) Enunciação de criminalidade e ilegalidade

Público:	Expresso:	Observador:
<ul style="list-style-type: none"> - “crimes que ocorreram na última noite do ano” - “refugiados que cometem crimes devem perder o direito de asilo” - “um crime terrível” 	<ul style="list-style-type: none"> - “resposta dura aos migrantes que cometeram estes crimes” - “consequências de cometerem delitos na Alemanha, arriscando-se a perder o direito a asilo” - “perante o crime generalizado” 	<ul style="list-style-type: none"> - “imigrantes ilegais” - “estamos perante uma nova dimensão de crime” - “suspeita de crimes sexuais”

(E) Referência à origem dos suspeitos / Atribuição dos atos cometidos a refugiados

Público:	Expresso:	Observador:
<ul style="list-style-type: none"> - “os suspeitos aparentavam ter uma origem árabe ou norte-africana” - “refugiados violadores” - “pessoas com historial de migração” 	<ul style="list-style-type: none"> - “milhares de homens, aparentemente imigrantes” - “jovens muçulmanos que molestam e violam raparigas na praça pública” - “ataques atribuídos a refugiados e migrantes” 	<ul style="list-style-type: none"> - “a violência alegadamente exercida por refugiados” - “pareciam ser de origem árabe” - “são quase exclusivamente imigrantes”

(F) Reforço de argumentos para o não acolhimento de refugiados em consequência dos ataques na noite de Ano Novo

Público:	Expresso:	Observador:
----------	-----------	-------------

- “originou um intenso debate (...) com muitas pessoas a criticarem a política de acolhimento a refugiados”
- “endureceram o tom e políticas de acolhimento a refugiados”
- “O Governo cedeu (...) e começou recentemente a inverter o rumo da política de acolhimento”

- “O caso (...) está a gerar críticas à política de acolhimento de refugiados na Alemanha”
- “Ataques de Colónia puseram fim à política de boas-vindas”
- “favorável ao endurecimento das regras de expulsão de refugiados”

- “têm aproveitado os incidentes para exigir a alteração das políticas migratórias e de acolhimento na Alemanha”
- “endurecimento das regras de expulsão dos refugiados”
- “solução inevitável: travar a vinda dos refugiados para a Europa”

Assim, a principal dimensão transversal nas diferentes narrativas produzidas pelos media seleccionados acerca dos acontecimentos na noite de Ano Novo em Colónia é a concepção do muçulmano – oriundo de países árabes ou do norte de África – enquanto pessoa perigosa, que comete crimes “bárbaros”, pelo que deve ser seriamente limitado o acolhimento destes migrantes e refugiados que não se enquadram nos valores europeus.

Trazendo também aqui o foco da hipótese teórica e das questões de investigação, parece possível considerar que as tendências narrativas nos artigos analisados apontam efetivamente para a promoção do medo e discriminação face a migrantes e refugiados, que são nestes textos retratados como muçulmanos terroristas, violentos e agressivos, como ilustrado nos excertos transcritos acima.

Ano de análise: **2017**

i) Evento selecionado: Relatório de acolhimento de refugiados dá conta de um número grande de pessoas a quem tinha sido atribuído asilo em Portugal terem abandonado o país rumo a outros países europeus.

Nota: Em 2017 foi particularmente difícil encontrar um único evento que sistematizasse um número expressivo de notícias associadas. De entre os acontecimentos relacionados com migrantes e refugiados noticiados nesse ano, o evento selecionado foi o que conseguiu reunir maior número de artigos, ainda que com muito menos expressão do que todos os outros anos alvo de análise. Importa, assim, compreender, que a limitação do universo de análise se repercute na limitação de categorias significativas a explorar no processo de análise de conteúdo.

ii) Foram analisados um total de 9 artigos: 4 do *Público*, 3 do *Expresso* e 2 do *Observador*.

iii) As palavras mais repetidas dos artigos analisados em 2017 constam da tabela 5, abaixo.

Tabela 5 - Palavras mais repetidas nos artigos analisados em 2017

1 Portugal	7 Grécia	13 Itália	19 asilo	25 crianças
2 refugiados	8 outros	14 instituições	20 chegaram	26 Holanda
3 país(es)	9 acolhidos	15 metade	21 europeu	27 língua
4 acolhimento	10 integração	16 movimentos	22 ilegal	28 SEF
5 programa	11 recolocação	17 número	23 PSD	29 situação
6 Governo	12 abandonaram	18 Alemanha	24 Requerentes	30 Síria

A partir desta lista de palavras mais repetidas nos artigos analisados em 2017, podemos fazer a seguinte leitura do evento em causa:

Quem? Refugiados, Governo, outros, PSD, requerentes, crianças, SEF;

O quê? acolhimento, programa, acolhidos, integração, recolocação, abandonaram, instituições, metade, movimentos, número, asilo, europeu, ilegal, língua, situação;

Onde? Portugal, países, Grécia, Itália, Alemanha, Holanda, Síria.

iv) Categorias de análise dos artigos selecionados em 2017 – após uma leitura exploratória dos artigos selecionados, foram definidas as seguintes categorias:

Tabela 6 - Categorias de análise dos artigos selecionados em 2017

(A) Enunciação de países de destino	Presença em 6 do total de 9 artigos analisados (66,7%); 3 em 4 no <i>Público</i> (75%), 3 em 3 no <i>Expresso</i> (100%) e 0 em 2 no <i>Observador</i> (0%).
(B) Enunciação de razões para a não fixação dos refugiados acolhidos em Portugal	Presença em 8 do total de 9 artigos analisados (88,9%); 4 em 4 no <i>Público</i> (100%), 2 em 3 no <i>Expresso</i> (66,7%) e 2 em 2 no <i>Observador</i> (100%).
(C) Críticas & sugestões de melhoria para Portugal	Presença em 4 do total de 9 artigos analisados (44,4%); 2 em 4 no <i>Público</i> (50%), 0 em 3 no <i>Expresso</i> (0%) e 1 em 2 no <i>Observador</i> (50%).
(D) Referência aos retornos	Presença em 8 do total de 9 artigos analisados (88,9%); 4 em 4 no <i>Público</i> (100%), 3 em 3 no <i>Expresso</i> (100%) e 1 em 2 no <i>Observador</i> (50%).
(E) Enunciação da liberdade	Presença em 7 do total de 9 artigos analisados (77,8%); 4 em 4 no <i>Público</i> (100%), 2 em 3 no <i>Expresso</i> (66,7%) e

	0 em 2 no <i>Observador</i> (0%).
(F) <i>Referência a redes de tráfico</i>	Presença em 3 do total de 9 artigos analisados (33,4%); 1 em 4 no <i>Público</i> (25%), 2 em 3 no <i>Expresso</i> (66,7%) e 0 em 2 no <i>Observador</i> (0%).
(G) <i>Vocabulário de conteúdo emocional (enunciação de sofrimento, desespero, choque, drama)</i>	Presença em 1 do total de 9 artigos analisados (11,1%); 1 em 4 no <i>Público</i> (25%), 0 em 3 no <i>Expresso</i> (0%) e 0 em 2 no <i>Observador</i> (0%).

v) As categorias mais representativas são:

(B) Enunciação de razões para a não fixação dos refugiados acolhidos em Portugal

Público:

- “dificuldade de integração”
- “dificuldades de reconhecimento de qualificações académicas ou profissionais”
- “reencontrar familiares ou as suas comunidades noutros países”

Expresso:

- “Para ao refugiados, é só mais um trajeto, e Portugal é uma ponte para a Europa que eles querem”
- “dificuldades ao nível da aprendizagem da língua e da adaptação cultural”

Observador:

- “uma das falhas está na forma como as pessoas são colocadas (...) em meios rurais com os quais não se identificam, outros não terem tido acesso à aprendizagem de língua portuguesa ou formação profissional”

(D) Referência aos retornos

Público:

- “são agora obrigados a regressar a Portugal”
- “o regresso a Portugal dos refugiados detidos pelas autoridades de outros países é custeado pelo Estado português”
- “nós temos a obrigação de os recolocar”

Expresso:

- “caso sejam localizados os refugiados serão reenviados para Portugal, a única forma de residirem legalmente na Europa.”
- “43% foram encontrados e notificados do retorno obrigatório a Portugal. Os regressos efetivos, porém, são irrisórios”

Observador:

- “79 [pessoas] foram objeto de retomas a cargo”

(E) Enunciação da liberdade

Público:

- “são livres de se movimentarem para onde quiserem”
- “refugiados têm direito a escolher serem ilegais noutros países”

Expresso:

- “As pessoas são livres de ir ao encontro dos seus sonhos. Não os podemos forçar à inclusão.”

Observador:

- *sem referências* -

Pela especificidade do conteúdo mediático acerca de migrantes e refugiados em 2017, como referido acima, o número de artigos analisados não permite uma análise muito profunda. Ainda assim, e como ilustrado abaixo com alguns excertos, a saída voluntária dos refugiados acolhidos em Portugal para outros países da Europa é narrada nestes artigos analisados a partir de uma postura compreensiva, na medida em que é privilegiada a apresentação das razões que motivam a saída voluntária destas pessoas, favorecendo no leitor, à semelhança do considerado em 2015, uma postura de empatia que permite compreender a perspetiva que impele a ação do outro.

Assim, e como ilustrado nos excertos abaixo, a hipótese teórica parece não se enquadrar nas tendências discursivas presentes na análise das notícias de 2017, não havendo um discurso potenciador de medo e discriminação, antes apresentando os migrantes e refugiados como pessoas livres com motivações legítimas.

Ano de análise: **2018**

i) Evento selecionado: Itália recusa o desembarque de navio de salvamento *Aquarius* com 629 migrantes e refugiados resgatados a bordo.

ii) Foram analisados um total de **57 artigos**: 21 do *Público*, 19 do *Expresso* e 17 do *Observador*.

iii) As palavras mais repetidas dos artigos analisados em 2018 constam da tabela 7, abaixo.

Tabela 7 - Palavras mais repetidas nos artigos analisados em 2018

1 Aquarius	7 bordo	13 países	19 asilo	25 salvamentos
2 (i)migrantes	8 porto	14 refugiados	20 Salvini	26 Líbia
3 Itália	9 Governo	15 receber	21 SOS	27 polícia
4 navio/barco	10 Mediterrâneo	16 ONG	22 resgate	28 desembarque
5 Valência	11 Malta	17 Europa	23 chegar	29 médicos
6 Espanha	12 mar	18 acolher	24 ministro	30 fronteiras

Agrupando as palavras mais repetidas nos artigos analisados em 2018, temos a primeira leitura do evento narrado:

Quem? (i)migrantes, Governo, refugiados, ONG, Salvini, ministro, polícia, médicos;

O quê? Aquarius,navio/barco, bordo, receber, acolher, asilo, SOs, resgate, chegar, salvamentos, desembarque;

Onde? Itália, Valência, Espanha, porto, Mediterrâneo, Malta, mar, países, Europa, Líbia, fronteiras.

iv) Categorias de análise dos artigos selecionados em 2018 – após uma leitura exploratória dos artigos selecionados, foram definidas as seguintes categorias:

Tabela 8 - Categorias de análise dos artigos selecionados em 2018

(A) <i>Referência à discussão europeia: valores europeus, as divisões de posições, o sistema de quotas</i>	Presença em 22 do total de 57 artigos analisados (38,6%); 8 em 21 no <i>Público</i> (38%), 6 em 19 no <i>Expresso</i> (31,6%) e 8 em 17 no <i>Observador</i> (47%).
(B) <i>Referência à recusa de desembarques e não aceitação de responsabilidade de acolhimento</i>	Presença em 44 do total de 57 artigos analisados (77,2%); 12 em 21 no <i>Público</i> (57,1%), 17 em 19 no <i>Expresso</i> (89,5%) e 15 em 17 no <i>Observador</i> (88,2%).
(C) <i>Enunciação de resgates e salvamentos</i>	Presença em 35 do total de 57 artigos analisados (61,4%); 14 em 21 no <i>Público</i> (66,7%), 11 em 19 no <i>Expresso</i> (57,9%) e 10 em 17 no <i>Observador</i> (58,8%).
(D) <i>Referência ao risco de vida e más condições a bordo / urgência do desembarque</i>	Presença em 14 do total de 57 artigos analisados (24,6%); 5 em 21 no <i>Público</i> (23,8%), 5 em 19 no <i>Expresso</i> (26,3%) e 4 em 17 no <i>Observador</i> (23,5%).
(E) <i>Referência ao imperativo do acolhimento, solidariedade</i>	Presença em 41 do total de 57 artigos analisados (71,9%); 10 em 21 no <i>Público</i> (47,6%), 18 em 19 no <i>Expresso</i> (94,7%) e 13 em 17 no <i>Observador</i> (76,5%).
(F) <i>Referência ao número de pessoas resgatadas / especificação das pessoas consideradas mais vulneráveis</i>	Presença em 32 do total de 57 artigos analisados (56,1%); 7 em 21 no <i>Público</i> (33,3%), 14 em 19 no <i>Expresso</i> (73,7%) e 11 em 17 no <i>Observador</i> (64,7%).
(G) <i>Enunciação do sofrimento (desde a origem e no próprio percurso)</i>	Presença em 21 do total de 57 artigos analisados (36,8%); 7 em 21 no <i>Público</i> (33,3%), 7 em 19 no <i>Expresso</i> (36,8%) e 7 em 17 no <i>Observador</i> (41,2%).
(H) <i>Referências ao tráfico humano e imigração ilegal</i>	Presença em 11 do total de 57 artigos analisados (19,3%); 6 em 21 no <i>Público</i> (28,6%), 2 em 19 no <i>Expresso</i> (10,5%) e 3 em 17 no <i>Observador</i> (17,6%).
(I) <i>Referências a xenofobia, racismo e políticas anti-migratórias</i>	Presença em 18 do total de 57 artigos analisados (31,6%);

	8 em <u>21</u> no <i>Público</i> (38%), 5 em <u>19</u> no <i>Expresso</i> (26,3%) e 5 em <u>17</u> no <i>Observador</i> (29,4%).
(J) Referência aos países de origem	Presença em 9 do total de <u>57</u> artigos analisados (15,8%); 5 em <u>21</u> no <i>Público</i> (23,8%), 3 em <u>19</u> no <i>Expresso</i> (15,8%) e 1 em <u>17</u> no <i>Observador</i> (5,9%).
(L) Adjetivação de conteúdo emocional	Presença em 27 do total de <u>57</u> artigos analisados (47,4%); 8 em <u>21</u> no <i>Público</i> (38%), 10 em <u>19</u> no <i>Expresso</i> (52,6%) e 9 em <u>17</u> no <i>Observador</i> (52,9%).
(M) Enunciação de sonho; referências à esperança e procura uma vida melhor, com segurança e paz	Presença em 13 do total de <u>57</u> artigos analisados (22,8%); 4 em <u>21</u> no <i>Público</i> (19%), 6 em <u>19</u> no <i>Expresso</i> (31,6%) e 3 em <u>17</u> no <i>Observador</i> (17,6%).
(N) Referência à diferença entre migrante e refugiado	Presença em 9 do total de <u>57</u> artigos analisados (15,8%); 5 em <u>21</u> no <i>Público</i> (23,8%), 2 em <u>19</u> no <i>Expresso</i> (10,5%) e 2 em <u>17</u> no <i>Observador</i> (11,8%).

v) As categorias mais representativas são:

(B) Referência à recusa de desembarques e não aceitação de responsabilidade de acolhimento

Público:

- “expressar a sua vergonha, enquanto cidadão europeu, por um navio humanitário com centenas de pessoas a bordo ter sido impedido de atracar”
- “Malta rejeita a responsabilidade de desembarque e acolhimento”
- “O Governo de Itália proibiu que desembarquem nos seus portos”

Expresso:

- “Nunca antes um navio da SOS Mediterranée foi proibido de atracar num porto”
- “A embarcação foi impedida pelo Governo italiano de atracar”
- “Aquarius, à deriva no mar Mediterrâneo após Malta e Itália terem recusado recebê-los”

Observador:

- “o novo Governo italiano não autoriza que desembarquem”
- “que Itália se recusou a acolher”
- “Itália e Malta terem rejeitado recebê-los e depois de oito dias de travessia do Mediterrâneo”

(C) Enunciação de resgates e salvamentos

Público:

- “foram resgatados 629 migrantes”
- “o navio salvou 229 pessoas que viajavam em duas embarcações vindas da Líbia, uma delas já a afundar-se”
- “As ONG obedecem às leis internacionais de socorro marítimo, que obrigam quem esteja no mar a salvar os que

Expresso:

- “629 migrantes resgatados do Mediterrâneo ao longo do dia de sábado”
- “foram salvos no fim de semana no Mediterrâneo”
- O momento do resgate, sem dúvida, é o mais marcante.”

Observador:

- “mais de 600 migrantes resgatados no Mediterrâneo”
- “resgatados do mar em várias operações durante o dia anterior”
- “nos últimos dias, centenas de migrantes foram socorridos no Mediterrâneo”

correm risco e a transportar os resgatados até ao porto seguro mais próximo.”

(E) Referência ao imperativo do acolhimento, solidariedade

Público:	Expresso:	Observador:
<ul style="list-style-type: none"> - “salvar vidas é uma obrigação” - “É a nossa obrigação ajudar a evitar uma catástrofe humanitária e oferecer um porto seguro a estas pessoas” - “continuar a salvar as pessoas que seja possível salvar” 	<ul style="list-style-type: none"> - “a disponibilidade mostrada por Espanha [para colher os migrantes resgatados] é um ato de solidariedade” - “Não podemos tolerar que as pessoas morram no mar” - “Qualquer operação de resgate e salvamento deve terminar sempre com o desembarque no porto seguro mais próximo” 	<ul style="list-style-type: none"> - “Salvar vidas é um dever” - “com base nos princípios da solidariedade e da responsabilidade” - “o desafio de acolhimento persiste e com ele os momentos de embaraço para a Humanidade”

(F) Referência ao número de pessoas resgatadas / especificação das pessoas consideradas mais vulneráveis

Público:	Expresso:	Observador:
<ul style="list-style-type: none"> - “incluindo 123 menores não acompanhados e 7 mulheres grávidas” - “O Aquarius tem a bordo 629 migrantes, incluindo 123 menores não acompanhados, 11 crianças e 7 mulheres grávida” - “Entre os migrantes estão 123 menores não acompanhados, onze bebés e sete grávidas.” 	<ul style="list-style-type: none"> - “629 pessoas: 11 crianças, 123 menores desacompanhados, mais de 80 mulheres e 7 grávidas” - “dos quais 123 são menores não acompanhados, 11 crianças pequenas e 7 mulheres grávidas” - “incluindo 123 crianças desacompanhadas e seis grávidas” 	<ul style="list-style-type: none"> - “629 pessoas, 123 das quais são menores não acompanhados e seis grávidas.” - “prioridade às 123 crianças que viajam no Aquarius” - “que incluem 123 menores”

L) Adjetivação de conteúdo emocional

Público:	Expresso:	Observador:
<ul style="list-style-type: none"> - “pessoas desesperadas e vulneráveis” - “a desumanidade é sempre repugnante e obscena - “é simplesmente vergonhoso” 	<ul style="list-style-type: none"> - “É desumano deixá-los à deriva” - “viveram momentos traumáticos” - “isso é frustrante” 	<ul style="list-style-type: none"> - “esta árdua experiência” - “outros Governos europeus vergonhosamente deixarem de assumir as suas responsabilidades e colocarem a política à frente da vida de pessoas vulneráveis” - “que se encontram hoje em condições desesperadas”

Estas categorias, concretizadas nos excertos partilhados acima, parecem apontar, à semelhança do que já foi aqui considerado em relação a anos anteriores, numa postura compreensiva e empática para com os migrantes e os refugiados, na medida em que são

descritos como desesperados, vulneráveis e em sofrimento, sendo obrigação da Europa o acolhimento e a prestação de cuidados a estas pessoas.

Assim, a análise de conteúdo dos artigos selecionados em 2018 também desconsidera a hipótese teórica levantada neste estudo, uma vez que nada nas tendências narrativas identificadas não encontramos conteúdo que possa ser potenciador de medo e discriminação face a migrantes e refugiados.

Ano de análise: **2019**

i) Eventos selecionados: (1) Ativista português acusado de auxílio à imigração ilegal e (2) Parlamento Europeu rejeita propostas de resolução sobre operações de busca e salvamento no Mediterrâneo (falta de entendimento quanto a esta matéria entre eurodeputados)

Nota: Tendo em conta que o facto de ativistas de ONG de salvamento no Mediterrâneo terem sido acusados de auxílio à imigração ilegal ter suscitado e discussão ao nível europeu acerca do enquadramento legal das operações de busca e salvamento, considera-se aqui pertinente estender a análise em 2019 a estes dois eventos relacionados.

ii) Foram analisados um total de **40 artigos**: 14 do *Público*, 14 do *Expresso* e 12 do *Observador*.

iii) As palavras mais repetidas dos artigos analisados em 2019 constam da tabela 9, abaixo.

Tabela 9 - Palavras mais repetidas nos artigos analisados em 2019

1 Miguel Duarte	7 ilegal	13 Europa	19 resolução	25 sobrevivência
2 Mediterrâneo	8 contra	14 ajuda/auxílio	20 proposta	26 humanitário
3 refugiados	9 resgate	15 salvamento	21 crime	27 autoridades
4 migrantes	10 ONG	16 Parlamento	22 alemã	28 votos
5 português	11 mar	17 países	23 PPE	29 campanha
6 Itália	12 navio	18 vida	24 processo	30 humanos

A partir destas 30 palavras que aparecem com maior frequência nos artigos analisados, podemos apresentar a seguinte imagem superficial do evento narrado:

Quem? Miguel Duarte, refugiados, migrantes, português, ONG, alemã, PPE, humanitário, autoridades, humanos;

O quê? ilegal, contra, resgate, navio, ajuda/auxílio, salvamento, vida, resolução, proposta, crime, processo, sobrevivência, votos, campanha;

Onde? Mediterrâneo, Itália, mar, Europa, Parlamento, países.

iv) Categorias de análise dos artigos selecionados em 2019 – após uma leitura exploratória dos artigos selecionados, foram definidas as seguintes categorias:

Tabela 10 - Categorias de análise dos artigos selecionados em 2019

(A) <i>Crítica à atuação de Itália e de Europa (atribuição de culpa às instituições europeias e deputados europeus)</i>	Presença em 21 do total de 40 artigos analisados (52,5%); 9 em 14 no <i>Público</i> (64,3%), 8 em 14 no <i>Expresso</i> (57,1%) e 4 em 12 no <i>Observador</i> (33,3%).
(B) <i>Conteúdo que remete para bondade, solidariedade, compaixão</i>	Presença em 23 do total de 40 artigos analisados (57,5%); 9 em 14 no <i>Público</i> (64,3%), 9 em 14 no <i>Expresso</i> (64,3%) e 5 em 12 no <i>Observador</i> (41,7%).
(C) <i>Enunciação dos resgates e do imperativo de salvar vidas</i>	Presença em 34 do total de 40 artigos analisados (85%); 11 em 14 no <i>Público</i> (78,5%), 13 em 14 no <i>Expresso</i> (92,8%) e 10 em 12 no <i>Observador</i> (83,4%).
(D) <i>Enunciação da ilegalidade</i>	Presença em 37 do total de 40 artigos analisados (92,5%); 12 em 14 no <i>Público</i> (85,7%), 14 em 14 no <i>Expresso</i> (100%) e 11 em 12 no <i>Observador</i> (91,6%).
(E) <i>Enunciação da emoção / comoção</i>	Presença em 12 do total de 40 artigos analisados (30%); 4 em 14 no <i>Público</i> (28,6%), 5 em 14 no <i>Expresso</i> (35,7%) e 3 em 12 no <i>Observador</i> (25%).
(F) <i>Conteúdo de defesa, apoio e compreensão para com o Miguel Duarte e outros ativistas na mesma situação</i>	Presença em 28 do total de 40 artigos analisados (70%); 11 em 14 no <i>Público</i> (78,5%), 9 em 14 no <i>Expresso</i> (64,3%) e 8 em 12 no <i>Observador</i> (66,7%).
(G) <i>Referências à guerra e à fuga arriscada dos refugiados, enunciação de sofrimento (desespero, drama, horror, tragédia)</i>	Presença em 17 do total de 40 artigos analisados (42,5%); 11 em 14 no <i>Público</i> (78,5%), 4 em 14 no <i>Expresso</i> (28,6%) e 2 em 12 no <i>Observador</i> (16,7%).
(H) <i>Referências a xenofobia, racismo e políticas anti-migratórias</i>	Presença em 11 do total de 40 artigos analisados (27,5%); 5 em 14 no <i>Público</i> (35,7%), 4 em 14 no <i>Expresso</i> (28,6%) e 2 em 12 no <i>Observador</i> (16,7%).

(I) <i>Enunciação de sonho; referências à esperança e procura uma vida melhor, com segurança e paz</i>	Presença em 4 do total de 40 artigos analisados (10%); 3 em 14 no <i>Público</i> (21,4%), 1 em 14 no <i>Expresso</i> (7,1%) e 0 em 12 no <i>Observador</i> (0%).
(J) <i>Referência à diferença entre migrante e refugiado</i>	Presença em 7 do total de 40 artigos analisados (17,5%); 2 em 14 no <i>Público</i> (14,3%), 5 em 14 no <i>Expresso</i> (35,7%) e 0 em 12 no <i>Observador</i> (0%).

v) As categorias mais representativas são:

(A) Crítica à atuação de Itália e de Europa (atribuição de culpa às instituições europeias e deputados europeus)

Público:

- “é ainda mais grave que se criminalizem os atos humanitários que evitam a morte e o sofrimento dessas pessoas”
- “É Salvo o criminoso que viola princípios internacionais legais, como o auxílio no primeiro porto disponível”
- “Como é possível a Europa assumir desta forma deliberada tamanha desumanidade?”

Expresso:

- “a criminalização da ajuda humanitária é uma questão absurda e política”
- “o Parlamento Europeu falha no objetivo de pressionar os Estados Membros a encontrarem soluções europeias para o desafio das migrações e refugiados.”
- “a forma como as autoridades italianas têm abordado a crise de migrantes no Mediterrâneo e com os migrantes ilegais levanta uma série de problemas humanitários”

Observador:

- “Isto é culpa da União Europeia, não haja dúvidas.”
- “As políticas europeias relativamente à imigração e ao acolhimento de refugiados deixam-nos gelados”
- “A criminalização da solidariedade não afeta apenas os defensores dos direitos humanos”

(B) Conteúdo que remete para bondade, solidariedade, compaixão

Público:

- “as suas ações são inspiradas por razões humanitárias”
- “tanta solidariedade por parte de tanta gente”
- “movido pela compaixão”

Expresso:

- “é preciso ter noção de que as suas ações são inspiradas por razões humanitárias”
- “esperança num futuro solidário”
- “voluntário português que ajudou a salvar”

Observador:

- “agiu por razões humanitárias, imbuído de um espírito de solidariedade”
- “voluntários que ajudam refugiados e outros migrantes”
- “ações solidárias”

(C) Enunciação dos resgates e do imperativo de salvar vidas

Público:

- “salvar vidas humanas, impedir que as pessoas morressem afogadas”
- “salvar vidas não pode ser crime”
- “Quem salva uma vida, salva a humanidade inteira”

Expresso:

- “O dever de salvar uma pessoa é superior ao dever de respeitar a lei italiana.”
- “não é um crime, mas um dever legal e humano tirar do mar quem está em sofrimento”

Observador:

- “reitera a obrigação decorrente do Direito Internacional de prestar assistência às pessoas em perigo no mar”
- “cumprindo as normas internacionais de socorro e em

- “Negar a ajuda humanitária, negar o tratamento digno a qualquer ser humano, negar o direito inalienável à vida é negar a identidade humanista da Europa” - “todas as vidas são iguais e merecem ser salvas”	- “necessidade de soluções que permitam o salvamento de vidas antes de qualquer outra discussão”	respeito pela integridade da vida humana” - “resgate de milhares de migrantes no mar Mediterrâneo”
--	--	---

(D) Enunciação da ilegalidade

Público:	Expresso:	Observador:
- “auxílio à imigração ilegal” - “foram constituídos arguidos e estão sob investigação em Itália por suspeita de ajuda à imigração legal” - “há cada vez mais criminalização da ação das organizações não-governamentais”	- “está a ser investigado pela justiça italiana pelo auxílio à imigração ilegal” - “na lei italiana é um crime grave e fortemente punido” - “acusados de resgatar migrantes ilegais, são suspeitos de alegada colaboração com traficantes”	- “Itália acusou-o de apoio à imigração ilegal, tráfico humano e posse de armas de fogo” - “acusado pelo Ministério Público italiano de auxílio à imigração ilegal” - “arguido em Itália e alvo de investigação por auxílio à imigração ilegal”

(F) Conteúdo de defesa, apoio e compreensão para com o Miguel Duarte e outros ativistas na mesma situação

Público:	Expresso:	Observador:
- “há muita gente a manifestar o seu apoio” - “está a ser perseguido de maneira absolutamente injusta pelos tribunais italianos, pura e simplesmente por ter prestado ajuda humanitária” - “espera-se (...) uma estratégia política para melhor defender Miguel Duarte”	- “Defender Miguel Duarte em defesa da civilização” - “para apoiar a defesa do estudante português” - “Não podemos deixá-lo por conta própria nesta luta”	- “é preciso apoiar a defesa de Miguel e dos restantes ativistas acusados” - “só é de louvar o comportamento do jovem português que ajudou a salvar migrantes no Mediterrâneo” - “proteger os defensores de direitos humanos através de meios legais”

(G) Referências à guerra e à fuga arriscada dos refugiados, enunciação de sofrimento (desespero, drama, horror, tragédia)

Público:	Expresso:	Observador:
- “os refugiados que arriscaram a vida para fugir da guerra” - “na fuga desesperada por uma vida digna” - “um drama que nos toca a todos”	- “milhares e milhares de pessoas (...) que chegam em completo desespero” - “nas águas onde tanta gente morre e ninguém vê” - “mais de 15 mil perderam a vida a tentar chegar à Europa”	- “milhares de refugiados a tentar entrar na Europa, com muitos a morrer pelo caminho” - “mulheres e crianças em completo sofrimento”

Na mesma linha do encontrado na análise dos artigos explorados em relação ao ano de 2018, até porque os eventos selecionados para análise neste ano remetem novamente para o imperativo de salvamento e de acolhimento, parece então seguro que se considere que também aqui a hipótese teórica que motivou este estudo não se verifica.

Pelo contrário, e como ilustrado nos excertos acima, os migrantes e refugiados são descritos como pessoas desesperadas, a quem é imperativo prestar apoio. Mais uma vez, as tendências discursivas parecem promover a compreensão e a empatia, aqui particularmente havendo um claro enfoque nas pessoas mais vulneráveis a bordo, nomeadamente mulheres e crianças, identificadas na maioria dos artigos analisados e destacadas do total de pessoas a bordo.

ii. Interpretação e discussão de resultados

Aproximações e diferenças nos 5 anos de análise

Tendo servido de ponto de partida no tratamento de dados recolhidos por relação a cada ano analisado, parece-me interessante sistematizar as 30 palavras mais repetidas na totalidade dos artigos selecionados:

Tabela 10 - Palavras mais repetidas na totalidade de artigos analisados

1 refugiados	7 acolhimento	13 crise	19 outros	25 mundo
2 migrantes	8 Itália	14 Governo	20 Portugal	26 Valência
3 asilo	9 navio / barco	15 contra	21 Espanha	27 política
4 Mediterrâneo	10 Alemanha	16 mar	22 porto	28 Merkel
5 guerra	11 polícia	17 Miguel Duarte	23 chegar	29 ONG
6 vida	12 mulheres	18 noite	24 agressões	30 morte

Estas 30 palavras mais repetidas em todos os artigos analisados referentes a 5 eventos em 5 anos diferentes, já não apresentam uma fotografia superficial de um evento específico, antes sistematizando o tratamento mediático dados aos migrantes e refugiados entre 2015 e 2019. Assim, ainda que de forma algo vaga, conseguimos responder, através desta lista às perguntas “De quem é que estes artigos falavam?”, “Em que é que se focavam as narrativas acerca dos migrantes e refugiados?”, e “Onde se passavam estes eventos mediatizados?”. Vejamos:

Quem? refugiados, migrantes, polícia, mulheres, Governo, Miguel Duarte, Merkel, ONG;

O quê? asilo, guerra, vida, acolhimento, navio/barco, contra, chegar, agressões, política, morte;

Onde? Mediterrâneo, Itália, Alemanha, mar, noite, porto, mundo, Valência.

Apesar da palavra não ser acompanhada de uma descrição ou história, é assumido, segundo Sara Ahmed (2004) que a própria palavra é suficiente para evocar imagens de dor e de sofrimento ao leitor, como o exemplo que a autora dá na sua obra da palavra **guerra** (Ahmed, 2004). O imaginário da guerra, nesta lista presente não apenas na palavra em si, como no conceito de “refugiados” e “asilo” despoletam respostas emocionais nos leitores, mesmo que, na grande maioria das vezes, numa tenham experimentado nenhuma vivência que a concretizasse no seu quotidiano.

"quando os seus países e as suas vidas foram desfeitos pela guerra"
(Público, 2015)

"a cidade destruída pela guerra que reduz a escombros a Síria e a alma dos sírios há cinco anos"
(Público, 2015)

"estas crianças são os nossos filhos porque as crianças são filhas de todos, mesmo quando são sírias, e não queremos que os nossos filhos morram a fugir da guerra."
(Público, 2015)

"fogem da guerra e da ocupação brutal realizada por fundamentalistas islâmicos"
(Observador, 2015)

Outro aspeto que me parece pertinente explorar da lista acima, remete para o facto de o discurso mediático associado a esta crise migratória ir alternando entre a utilização dos conceitos de refugiado e de migrante, ora usando o segundo enquanto englobante do primeiro, ora o primeiro para dar destaque à condição de movimento forçado, ou ainda distinguindo ambos de forma clara.

O Alto-Comissariado das Nações Unidas para o Refugiados, na pessoa do seu porta-voz à altura destes acontecimentos (2015) - Adrien Edwards, chamou a atenção para a diferença entre os conceitos de migrante e refugiado, particularmente para esclarecer que o segundo está a exercer um direito ao qual corresponde o dever de acolhimento, reforçando que, neste contexto, “as palavras importam” (ACNUR, 2015), como ilustrado

abaixo com alguns excertos dos artigos analisados nesta investigação (*apesar desta discussão não ter grande representatividade ao longo das notícias selecionadas*):

"[é necessário] distinguir sem ambiguidades refugiados de migrantes de natureza económica"
(Observador, 2015)

"uma coisa é o direito a asilo de um refugiado, outra coisa é um migrante económico a apanhar a boleia da calamidade síria"
(Expresso, 2016)

"diferença que consideram fundamental entre um migrante económico e um refugiado"
(Público, 2019)

"há uma grande diferença na vulnerabilidade de pessoas que deixam o país de origem à procura de um emprego melhor e entre outras que o fazem porque são perseguidas"
(Expresso, 2019)

Assim, no início do tratamento mediático da crise de migrantes de 2015, exacerbado após naufrágio na Turquia que se transformou num símbolo com a imagem da criança morta na praia, assistiu-se a uma preocupação de alguns meios de comunicação social orientarem o seu discurso para a discussão em torno dos “refugiados” – enquanto pessoas que são forçadas a abandonar os seus países de origem por questões relacionadas com a sua própria sobrevivência e das suas famílias (conflitos bélicos, perseguição política e violência) – em vez de falarem mais de “migrantes”, a quem passa a ser atribuído um estatuto com menor legitimidade de mobilidade, uma vez que são pessoas (Milka e Warfield, 2016).

"Nem imigrantes nem refugiados. São apenas 629 pessoas"
(Expresso, 2018)

Contudo, ao atentarmos à lista de palavras mais repetidas, a palavra refugiado aparece sempre em maior frequência do que a palavra migrante, com exceção dos artigos analisados em 2018.

E não há, na verdade, uma grande preocupação mediática com esta distinção, que é referida apenas em 12 dos 223 artigos analisados.

"A palavra migrante, um termo neutro, é a mais adequada para este debate onde se misturam, de forma inconsciente, ou deliberada, realidades distintas — refugiados e migrantes económicos"
(Público, 2018)

Quais são, afinal, as tendências narrativas nos discursos mediáticos acerca de migrantes e refugiados?

Da totalidade dos artigos analisados, o tom da maioria dos textos induz à compreensão, à empatia, à compaixão para com os migrantes e refugiados. Assim, dos 5 anos alvo desta investigação, apenas nas notícias selecionadas em 2016 encontrámos uma tendência contrária.

Corroborando esta tendência mais preponderante nas narrativas analisadas, os dados do Inquérito Social Europeu apresentam Portugal como um dos países com maior abertura ao acolhimento de refugiados e migrantes por parte da população nacional. Assim, nas duas últimas edições do Inquérito Social Europeu (2014 e 2016), Portugal é aquele cuja população mais concorda com a afirmação de que “o governo devia ser compreensivo na avaliação dos pedidos de estatuto de refugiado” (Observatório das Migrações, 2018).

Da apresentação de resultados da análise dos artigos selecionados – *e deixando o caso de 2016 para analisar separadamente* – decorre que os principais temas explorados são:

- **A enunciação do sofrimento (desespero, fuga da guerra, sobrevivência);**
- **A solidariedade, a compaixão, a bondade e a empatia;**
- **Os imperativos do salvamento de vidas e de acolhimento.**

Na verdade, estes temas cruzam-se e interagem entre si, na medida em que é a própria enunciação do sofrimento que está na base dos sentimentos de compaixão e empatia, justificando movimentos de bondade e solidariedade.

Havendo este testemunhar do sofrimento que é assim, de certa forma, experimentado pelo leitor através das narrativas dos meios de comunicação social, o dever simultâneo de salvamento e acolhimento tornam-se inerentes e transversais na reação aos eventos protagonizados por migrantes e refugiados:

"salvar vidas é uma obrigação"
(Público, 2018)

"antes de mais, é preciso salvar vidas humanas"
(Expresso, 2018)

"soluções que permitam o salvamento de vidas antes de qualquer outra discussão"
(Expresso, 2019)

À valorização da solidariedade, junta-se então, a exaltação do acolhimento, da hospitalidade, também ela orientada pela importância atribuída à empatia, ou seja, à capacidade de compreender a experiência do ‘outro’ (Sirimarco e Spivak L’Hoste, 2019):

"abrir as portas e mostrar ao mundo como todos deveriam receber e salvar vidas"
(Expresso, 2015)

"É nossa obrigação ajudar a evitar uma catástrofe humanitária e oferecer um porto seguro"
(Observador, 2015)

A obrigação do acolhimento acaba por criar uma espécie de relação com o imigrante ou refugiado, na medida em que se impõe a uma responsabilidade com o outro. Assim, para Tom Selwyn (2004), uma vez que as relações evoluem necessariamente dentro de quadros morais, uma das principais funções de qualquer ato de hospitalidade é permitir a construção de um universo moral ao qual tanto o anfitrião como o hóspede concordam em pertencer: autóctone e imigrante partilham assim, à partida, valores comuns que se concretizam do acolhimento. Desta forma, para o autor, a hospitalidade tem o poder de converter estranhos em familiares.

Selwyn apresenta a hospitalidade enquanto obrigação moral: “Há um sentido em que, ao contrário de algumas formas de caridade, a hospitalidade não é voluntária nem altruísta, mas, num sentido particular, tanto necessária como obrigatória.”.

“o dever moral de acolher”
(Observador, 2015)

"Temos obrigação de os receber. Acolher refugiados é uma obrigação legal, moral e humanitária."
(Observador, 2015)

De acordo com o apoio teórico a esta análise, como exploraremos de seguida, é a própria enunciação do sofrimento que espoleta os sentimentos de compaixão e as atitudes de

bondade e solidariedade. A dor dos outros, sendo constantemente evocada no discurso público, reclama uma resposta tanto coletiva como individual.

Assim, debruçamo-nos aqui sobre esta relação:

A enunciação do sofrimento enquanto emergência da compaixão e da empatia

Para Ahmed, a figura do migrante é comumente associada à melancolia nas sociedades ocidentais, sendo visto como uma ferida, uma dor na sociedade na sua “incapacidade de mostrar-se feliz.” Segundo a autora, as representações culturais reforçam esta imagem do migrante melancólico que se encontra sempre preso numa condição de sofrimento da qual parece não conseguir libertar-se (Ahmed, 2010):

"foge à violência ou à pobreza extrema e, para isso, passou meses a caminhar por desertos e montanhas, sofreu agressões de traficantes, viu a morte muito perto"

(Público, 2018)

"pessoas que foram vítimas de tortura e violência"

(Observador, 2018)

"fogem do conflito, da pobreza, e sobreviveram a um horrível abuso na Líbia"

(Observador, 2019)

"os migrantes que chegam da Líbia foram sujeitos a múltiplas violações dos direitos humanos, incluindo escravidão e abusos"

(Expresso, 2018)

Num mundo global, aprendemos frequentemente sobre a injustiça e o sofrimento através dos meios de comunicação social. A nossa capacidade de agir depende da capacidade de compreender estas situações e de pensar criticamente sobre elas e as suas causas. Assim, o papel dos meios de comunicação social na procura de espaço para compreender, discutir e agir é crucial na constituição da solidariedade (Nikunen, 2018).

De acordo com Didier Fassin (2012) na sua investigação sobre a imigração em França, o imigrante ou o estrangeiro que era visto como indesejado, recebe um novo olhar que reconhece o sofrimento inerente à fragilidade da sua condição. Desta perspetiva emerge um sentimento de compaixão que legitima ajuda. A compaixão surge, assim, como atitude emocional diante da dor alheia:

"a sociedade está cada vez mais (...) desejosa de ajudar"

(Público, 2015)

"há, sobretudo, compaixão"
(Expresso, 2015)

"tenho pena deles"
(Público, 2015)

"tanta solidariedade por parte de tanta gente"
(Público, 2019)

"estender a mão a quem mais precisava"
(Público, 2019)

"agiu por razões humanitárias, imbuído de um espírito de solidariedade"
(Observador, 2019)

Didier Fassin (2012) aborda o facto de experimentarmos notícias como sofrimento. Para além de, segundo o autor, haver uma tendência contemporânea para produzir vítimas e discursos de vítimas, para se alimentar sentimentos de compaixão, a proximidade com que testemunhamos o sofrimento influencia a expressão da empatia, dotando-a da mesma intensidade independentemente da distância efetiva ao objeto alvo dessa empatia. O sofrimento transforma-se, então, em empatia, na medida em que, através dos meios de comunicação social, as pessoas experienciam o sofrimento dos outros, pela confrontação com a condição retratada. Daí que as narrativas mais descritivas dos eventos relacionados com migrantes e refugiados tenham mais potencial de trazer para a cena pública dores e sofrimentos identificados pela linguagem:

"milhares de pessoas com fome e desespero às portas da Europa"
(Público, 2015)

"a realidade das situações desesperadas que vivem os refugiados"
(Expresso, 2015)

"fogem de situações dramáticas nos seus países de origem"
(Expresso, 2018)

A atitude emocional perante o sofrimento alheio está diretamente relacionada com a visão do Outro. Esta mediatização do sofrimento visa provocar identificação e através da exposição à dor do outro. A conceção da vítima presente nestes discursos é caracterizada pelo desamparo, incapaz de cuidar de si e por isso capaz de suscitar compaixão (Ferreira, 2017).

"não faltam histórias dramáticas, que transformaram o Mediterrâneo num imenso cemitério"
(Público, 2018)

"muitas notícias sobre o sofrimento às portas da Europa, sobre os migrantes e os refugiados"
(Expresso, 2019)

O poder das narrativas e da identificação

- A importância da história narrada que permite a identificação com as personagens

"O que sentimos pelos outros é o que nos alinha com um coletivo. (...)

É através da forma como os outros nos impressionam

que a pele do coletivo começa a tomar forma."

(Ahmed, 2004)

A investigação mostra que o cérebro humano suporta naturalmente a empatia, mas que as respostas empáticas aumentam à medida que recolhemos mais informação sobre os outros. As narrativas provocam sentimentos de empatia de forma muito semelhante, razão pela qual as histórias têm o poder de influenciar as mentes e motivar a ação (Sillesen, 2015). Sillesen debruça-se sobre o poder que peças jornalísticas podem ter no despoletar de emoções na relação com as histórias narradas.

As descobertas científicas sugerem que quando lemos e experimentamos personagens numa história, o cérebro processa a nossa compreensão daqueles desconhecidos de forma semelhante à forma como entendemos os outros reais, físicos (Oliver *et al*, 2012).

Nadine El-Enany (2016) questiona-se se isto aconteceu pela tragédia em si ou mais pela semelhança de Alan Kurdi com os traços fisionómicos das crianças europeias. Na verdade, em alguns dos artigos analisados, encontramos presente a questão da identificação de forma absolutamente flagrante:

"Admito que as minhas lágrimas sejam lágrimas feitas, de pura identificação pessoal e cultural: quando olhei para o corpo de Alan Kurdi não foi, de facto, ele que eu vi. Foi um dos meus filhos, a quem já vesti muitas vezes t-shirts e calções daqueles."

(Público, 2015)

Através do seu trabalho “How the other half lives”, Jacob Riis (2010) defende que narrativas bem construídas podem fazer com que os leitores se identifiquem com e desenvolvam empatia pelos personagens:

"Estas crianças são os nossos filhos porque as crianças são filhas de todos, mesmo quando são sírias, e não queremos que os nossos filhos morram a fugir da guerra."
(Público, 2015)

A cobertura mediática proporciona, assim “histórias de partir o coração” e grandes planos de indivíduos excepcionais que conseguiram chegar à Europa. Estas histórias evocam simpatia e compreensão para com os migrantes e refugiados, explicando em pormenor a luta individual, o sofrimento e as razões para a fuga dos seus países de origem (Nikunen, 2018):

"refugiados sírios que procuram a sobrevivência na Europa pacífica (...) pessoas que batalham para não morrer às mãos da guerra"
(Público, 2015)

"Deixar o país que o país que o viu nascer e que o condenou a conviver com um conflito armado - atirar para trás das costas a Síria e os destroços causados pelo autoproclamado Estado Islâmico - fugir da guerra."
(Observador, 2015)

"Quando se lançam ao mar, já passaram por rotas de grande violência (...). Algumas são torturadas, violadas, viveram guerras..."
(Expresso, 2018)

"Estas pessoas não vêm por escolha própria. Uma mãe nunca deveria ter de pôr os seus filhos num barco em mar alto, com tão poucas probabilidades de sobreviver"
(Observador, 2019)

O aspeto importante aqui é que as intensidades afetivas e as respostas emocionais não acontecem apenas, sem qualquer estímulo ou enquadramento específico. Elas são produzidas em contextos próprios dos meios de comunicação social. Isto é, as representações mediáticas, como as notícias, convidam a diferentes repertórios de emoções de solidariedade com registos morais distintos: convidam-nos a sentir de forma particular os outros, e, através de imagens mediáticas, somos capazes de imaginar, sentir e pensar sobre o sofrimento dos outros.

Nem todos os migrantes e refugiados, no entanto, recebem um olhar de empatia, sendo que alguns parecem ser mais dignos de compaixão do que outros. Isto tornou-se evidente no evento analisado em 2015, quando a imagem de Alan Kurdi se tornou o símbolo da crise migratória e influenciou a forma como os europeus olhavam para os refugiados. O foco que até então era dado aos homens que se estariam a aproveitar do sistema de asilo, desviou-se para se direcionar aos refugiados vistos como vítimas vulneráveis e inocentes que precisavam de ajuda (Smets, et al, 2019), parecendo estar muito suscetível ao tipo de acontecimentos para ajustar o tipo de resposta emocional, como se verificou no evento analisado em 2016.

Refugiados e migrantes enquanto ameaça ao mundo ocidental

Em 2016, o ano mediático foi inaugurado com relatos de conflito e assédios sexuais alegadamente cometidos por migrantes e refugiados árabes e do norte de África. A religião, que nos outros anos não é sequer invocada, passa a ser absolutamente central nas narrativas dos meios de comunicação social associadas a este evento.

Assim, da análise de conteúdo das notícias acerca deste evento selecionadas em 2016, as categorias mais presentes são:

- (1) A atribuição de atos criminosos a refugiados e migrantes de origem árabe; e
- (2) A enunciação do islamismo e dos refugiados enquanto perigo social.

Na verdade, a imagem de Alan Kurdi parece ter momentaneamente aumentado o sentimento de compaixão, mas os acontecimentos que se seguiram, logo em novembro com o ataque terrorista em Paris e os casos de assédio sexual em Colónia, refletiram a facilidade com que vítimas podem ser transformadas em vilões. (Smets, et al, 2019).

A atribuição de atos criminosos a refugiados e migrantes de origem árabe pode ser ilustrada nos excertos abaixo (presentes em praticamente todos os textos analisados em 2016):

"dezenas de mulheres em Colónia que alegam ter sido agredidas por migrantes"
(Observador, 2016)

"as agressões cometidas por centenas de homens de 'aparência norte-africana ou árabe'"
(Público, 2016)

"a maioria dos suspeitos tinha pedido asilo político ou são imigrantes ilegais"
(Observador, 2016)

Essa narrativa normalmente funciona através da criação da categoria de ‘outros’ como antagónica ou oposta à categoria de ‘nós’: isto é, ‘outros’ enquanto os imigrantes ilegais que são um perigo para o “nós”, na medida em que ameaçam tirar-nos parte daquilo que temos enquanto indivíduos legítimos da nossa nação e enquanto aqueles que verdadeiramente merecemos os benefícios de ser um cidadão nacional (Ahmed, 2004).

Então, com o quadro da criminalidade tornou-se predominante perto do final do ano de 2015 e particularmente após os acontecimentos do Ano Novo em Colónia, Alemanha, a sensação de ameaça, baseada em imagens antigas, assumiu o poder destes acontecimentos e o clima policial que se tinha construído: a guerra ao terror e a ascensão do populismo,

que moldaram a paisagem policial da Europa ao longo da primeira década do séc. XXI (Smets, et al, 2019).

Os discursos mediáticos rapidamente, e sem qualquer pudor, relatam os alegados factos dessa noite de 31 de dezembro de 2015 fazendo uso de todo um imaginário pré-existente, apresentando como factuais especificidades do acontecimento que consistiam, na verdade, em suposições abusivas (como mais tarde veio a comprovar-se em esclarecimentos públicos pelas entidades oficiais). Vejamos alguns excertos ilustrativos:

"Os indivíduos que cometeram os crimes provêm de sociedades onde as mulheres são desconsideradas, onde a misoginia está enraizada"
(Expresso, 2016)

"75 suspeitos, a maioria deles imigrantes ilegais do norte de África"
(Expresso, 2016)

"estamos a falar de gangues de jovens muçulmanos que molestam e violam raparigas na praça pública"
(Expresso, 2016)

No que diz respeito à **enunciação do islamismo e dos refugiados enquanto perigo social**, estas narrativas atribuem ao ‘outro’ a causa de emoções como o ódio ou o medo, categorizando-o como perigoso. Assim, produzindo e concretizando estas diferenças e distâncias metafóricas entre “nós” e “eles”, há um afastamento enquanto reação emocional (Ahmed, 2004).

Notícias de ataques terroristas ou agressões sexuais noutras partes da Europa passaram a ser interpretadas como exemplos do que poderá acontecer a seguir nas cidades e vilas locais. Desta forma, várias referências singulares contribuem para a construção de uma compreensão coletiva da ameaça, passando a olhar o requerente de asilo como perpetrador de violência sexual (Nikunen, 2018).

Assim, e como claramente espelhado nos excertos transcritos de seguida, a forma como as emoções circulam nos media nas suas concretizações discursivas tem o poder de perpetuar estigmas e discriminações raciais e étnicas (Ahmed, 2004).

"A violência da véspera de Ano Novo é o primeiro resultado da perigosa mistura de imigração descontrolada"
(Público, 2016)

"Como era mais que esperado, o recebimento de refugiados (...) potenciou calamidades."
(Observador, 2016)

***"são a versão moderna dos invasores bárbaros,
determinados a devolver-nos a uma segunda Idade Média"***
(Observador, 2016)

Um dos temas recorrentes da cobertura mediática dos refugiados e migrantes, diz-nos a literatura já prévia à atual crise de migrantes, é o do crime e da ameaça. Desta forma, é construído sobre a figura de um migrante a imagem de um estranho perigoso que ameaça a ordem ocidental da vida e do bem-estar. O sentido de ameaça é evocado em narrativas que ligam os requerentes de asilo, refugiados e migrantes a outros suspeitos e potenciais terroristas - narrativas que refletem preocupações sobre a "nossa" ordem social ser perturbada por outros raciais (Nikunen, 2018):

"As imagens dos incidentes alimentam toda a espécie de rejeição dos refugiados"
(Público, 2016)

***"muitos europeus a temer que muitos refugiados possam ter intenções terroristas
e que outros não se consigam integrar"***
(Público, 2016)

***"Acredito que há uma boa dose de pessoas na Suécia que se sente muito preocupada
sobre se podem existir mais casos deste género"***
(Público, 2016)

Segundo Stephan & Stephan (2000), ameaças e os medos construídos dentro de um determinado grupo são as principais causas de preconceito e discriminação. Na verdade, e como conseguimos verificar em alguns excertos das notícias analisadas, os migrantes e refugiados ficam como que fechados numa gaveta de categorização, sem espaço para questionamento, de forma simplista e redutora:

***"os muçulmanos têm uma especial propensão para a violência,
em particular contra as mulheres"***
(Observador)

"perigos do mundo islâmico"
(Expresso, 2016)

"as mulheres devem poder defender-se contra as 'bombas de testosterona islâmicas'"
(Expresso, 2016)

A mobilização do medo faz uso daquilo a que Sara Ahmed (2004) se refere como economia afetiva: o imaginário da ameaça edifica-se sobre preconceitos existentes e velhas narrativas que se ativam em novos contextos como encontros afetivos. A sensação de ameaça é construída num país diferente e em circunstâncias diferentes. Através da circulação repetitiva, estas imagens de ameaça tornam-se desligadas do contexto. Assim a figura, tal como a do requerente de asilo violento, torna-se separada da referência real e desligada de qualquer contexto particular. Segue-se, então, que qualquer requerente de asilo é potencialmente violento, como efetivamente presente nas narrativas mediáticas analisadas:

"defender as nossas mulheres contra 'os refugiados'"
(Observador, 2016)

"esta forma que os muçulmanos têm de olhar para as mulheres como gado"
(Observador, 2016)

"Fora os porcos salafistas."
(Expresso, 2016)

"hordas que podem vir a ser expulsas"
(Expresso, 2016)

A perceção de ameaça de um grupo estrangeiro ativa a identidade social e contribui para o surgimento de emoções intergrupais repercutindo na manifestação de comportamentos discriminatórios em relação a estrangeiros

As emoções, fenómenos completos desencadeados por estímulos externos e internos, desempenham funções essenciais na vida humana, cumprindo três funções basilares: preparar o organismo para a ação (adaptação), comunicar sentimentos (socializar) e optar por determinado comportamento (motivação). Segundo Sônia Gondim (2013), podemos falar de emoções grupais e intergrupais – que são vivenciadas pelos indivíduos quando eles se identificam com o grupo social (identidade social), fazendo esse grupo parte de sua identidade pessoal.

Neste contexto, o preconceito surge com base nas características negativas de determinada pessoa pelo facto de não pertencer ao grupo social com o qual o indivíduo se identifica,

mas a um grupo social visto de forma depreciativa no geral. Do preconceito surge, por sua vez, a discriminação, que concretiza já num comportamento ou numa intenção de diferenciar as pessoas, valorizando as que integram o grupo ao qual acredita pertencer e desvalorizando ou mesmo maltratando as que pertencem a esse grupo ao qual é atribuída conotação negativa (Gondim, 2013).

Assim, o preconceito contra os imigrantes pode oferecer uma saída emocional para o medo, sendo os sentimentos anti-imigrantes frequentemente aceites como justificáveis, porque vistos como baseados na preocupação realista da comunidade anfitriã (Yakushko, 2009).

Conclusão

“Se, por um lado, as emoções parecem ser vistas (...) como disruptivas ou perigosas, sendo, por isso, alvo de práticas de controle ou organização, são, por outro, entendidas como poderosas, como capazes de mobilizar, envolver.”
(Lutz, 1988)

A análise de conteúdo realizada às 223 notícias publicadas na imprensa escrita digital entre 2015 e 2019, desenha, então, as seguintes tendências narrativas nos relatos de eventos protagonizados por migrantes e refugiados:

Por um lado, e por relação à grande maioria dos acontecimentos cujas relatos jornalísticos foram selecionados, encontramos a descrição do sofrimento profundo a que estas pessoas estão sujeitas, corporizado do desespero, na luta pela sobrevivência em arriscadas fugas à guerra. Este sofrimento, emocionalmente apelativo pelo conteúdo emocional dos textos e pelas narrativas de histórias envolventes, leva à emergência espontânea da empatia e da compaixão, na medida em que os leitores têm o enquadramento que lhes possibilita imaginarem-se na vivência de constrangimentos semelhantes, experimentando metaforicamente esse sofrimento sobre o qual leem.

Por outro lado, numa perspetiva absolutamente oposta, e tendo em conta o evento mais mediatizado em 2016 – *os conflitos atribuídos a migrantes e refugiados na noite de Ano Novo em Colónia, na Alemanha* – o foco passa a ser o perigo e o risco que é acolher estrangeiros tidos como muçulmanos nos países ocidentais, uma vez que estes migrantes são aqui categorizados como violentos e criminosos.

Disto isto, a resposta à Hipótese Teórica que foi premissa desta investigação – ***O conteúdo narrativo das notícias veiculadas em Portugal é potenciador de medo e discriminação face a migrantes e refugiados.*** – acaba por não ser tão imediata. Isto é, tendo em conta as narrativas que acompanham a transmissão mediática de eventos relacionados com migrantes e refugiados em 4 dos 5 anos analisados, é possível recusar a hipótese, não encontramos conteúdo que possa ser potenciador de medo e discriminação face a migrantes e refugiados.

Apesar da teoria de suporte dizer o contrário em relação a outros países europeus, em Portugal o olhar de compaixão não aconteceu apenas em 2015 perante a imagem de Alan Kurdi. Apesar das narrativas mediáticas terem sofrido o impacto dos eventos de ano novo em Colónia, os eventos analisados nos anos seguintes, mostram o regresso a essa postura de acolhimento, empatia e compaixão.

Neste seguimento, e numa tentativa de sistematização de resposta às questões orientadoras da investigação, podemos concluir que os *imigrantes e refugiados são retratados os nos media nacionais* enquanto vítimas de circunstâncias sobre as quais não tiveram qualquer controlo, estando desesperados, vulneráveis e em sofrimento profundo. São pessoas com esperança que arriscam tudo em prol da sua sobrevivência e pela vida das suas famílias.

No entanto, não podemos desconsiderar que, numa muito menos proporção, a análise dos artigos de 2016 desenha a figura de migrante ou refugiado enquanto indivíduo perigoso, violento e criminoso.

No mesmo sentido, as *emoções estão mais presentes nas notícias sobre migrantes e refugiados veiculadas nos media nacionais* são a empatia e a compaixão, em resposta ao sofrimento espelhado de forma exacerbada, ao mesmo tempo que o choque com as condições retratadas nas descrições jornalísticas.

Paralelamente, e numa dimensão muito menor presente apenas nos artigos de 2016, temos o medo e a repulsa como emoções mais presentes.

Assim, e com a já enunciada e explorada exceção do tratamento mediático dados aos acontecimentos na noite de Ano Novo em Colónia, onde se apresentam migrantes e refugiados de forma discriminatória, enquanto pessoas perigosas, inseridas em espectros fundamentalismo da prática muçulmana, poderíamos considerar comprovada a hipótese teórica. Contudo, procurando definir a narrativa mais comum e as correspondentes respostas emocionais por ela impactadas, teremos que desconsiderar a hipótese teórica levantada neste estudo, uma vez que os media portugueses parecem oferecer claramente uma visão compreensiva do fenómeno migratório atual, que promove atitudes positivas de aceitação e solidariedade alicerçadas em fortes sentimentos de empatia e compaixão.

O facto das narrativas mediáticas oferecerem este olhar de empatia e compaixão no relatos de acontecimentos que envolvem migrantes e refugiados permite que a população nacional olhe para as matérias da migração e do asilo com uma postura de abertura e compreensão, que se identifiquem com a luta pela sobrevivência, que se comovam com o sofrimento, e considerem, assim, que devem receber estas pessoas que abandonaram os países de origem por não terem condições económicas ou de segurança para si e/ou para as suas famílias.

Na verdade, é a sociedade de acolhimento que tem mais impacto no processo de integração dos migrantes, isto é, por mais que os migrantes procurem desenvolver esforços de integração, a abertura da população no país de destino é uma condição facilitadora deste processo sendo profundamente impactante no possível sucesso de integração (Cabral, 2000).

Neste olhar que é direccionado a migrantes e refugiados, nomeadamente na construção da empatia, importa compreender que cada um não consegue ver no outro, quem quer que ele seja, para além das suas próprias referências e experiências, isto é, eu só posso compreender o *outro* na medida da minha própria consciência (Schopenhauer, 2003), sendo que esse *outro* – nesta caso, o migrante ou refugiado – está ao meu alcance apenas pela relação que posso estabelecer com ele, aqui concretizada em empatia e compaixão.

Por outro lado, acrescenta-nos Lévinas (2008), a relação com o *outro* explica-se pelo próprio egoísmo da felicidade, com base na premissa de que as pessoas se concretizam em relação com os outros. E pergunto: não reside no *Outro* a verdade da minha humanidade? Não tenho dúvidas que sim. Sempre me pareceu quase intuitiva a semelhança que me aproxima de todos os seres humanos e as diferenças que nos faziam iguais na medida de cada diferença.

Esta ideia aponta-nos aqui à génese da empatia enquanto resposta ao sofrimento testemunhado, que provoca sofrimento no recetor das notícias, por um lado, e por outro se suporta no reconhecimento de si próprio nesse *outro*, nesse imigrante, nesse refugiado que luta pela sobrevivência.

Parece-me possível de considerar que, apesar de todas as diferenças que distanciam o *eu* e o *outro*, há traços que ambos partilham unicamente dentro da espécie humana. Segundo Hubert Reeves (1997), ainda que a humanidade comum dos sujeitos não explique o

desenrolar das relações sociais em toda a sua complexidade, concede-lhes imperativo e fundamento, isto é, a vida humana caracteriza-se pela relação entre humanos, entre homens, entre uns e *outros*. Assim, a humanidade do *outro* coincide com a minha e reforça-a (Reeves, 1997). Este argumento poderia ser suficiente para compreender a construção da empatia em torno das narrações mediáticas acerca dos percursos dos migrantes e refugiados: como não imaginar que podia ser eu a movimentar-me em busca de uma vida melhor? Como evitar-me que doa o sofrimento desse *outro* que podia ser eu?

Reeves procura argumentar e fundamentar a existência de sentido na vida humana e a forma como esta se concretiza em relação e em compaixão: A Biologia apresenta-nos a natureza enquanto agitação de matéria, sem que lhe esteja inerente um fim ou um sentido. A natureza não se alegra, não se entristece. Apenas é. Assim, parte da natureza, será também o Homem apenas matéria, sem fim e sem sentido? Será a Ética, enquanto pensamento acerca de como nos relacionarmos com os outros e com o mundo, apenas um devaneio poético? Ou poderemos nós conceber que a natureza criou o Homem e o dotou de sensações e sentimentos?

«(...) Criando o ser humano, a natureza deu a si mesma um coração. A compaixão não existe talvez ao nível do ADN mas, certamente, ao nível da pessoa inteira. Este sentimento – não ser indiferente ao sofrimento dos outros – é para mim o mais belo sentimento humano. A compaixão «está» na natureza; engendrou um ser capaz de se compadecer e de oferecer a sua ajuda. Esta constatação parece-me passível de dar um sentido e uma orientação à existência humana.»

(Reeves, 1997)

Por mais que me identifique com este argumento de Reeves, não sei se poderemos assumir que a capacidade de compaixão é inerente à natureza humana, mas parece-me seguro aceitar que fora do contexto relacional, a vida humana perde a sua consistência. O homem só se cumpre e adquire realidade humana quando participa de relações recíprocas (Valadier, 2000). E esta relação com o *outro* exige que se assuma responsabilidade, no sentido de resposta e cuidado. É no *outro*, que se materializa num rosto que surge enquanto metáfora que pede um movimento de resposta, que está a génese da responsabilidade ética (Beckert, 2008). Ética aqui entendida como cuidado do *outro*. É o cuidado pelos outros que motiva atitudes e ações que mostram a sua interdependência,

assim como das comunidades e nações: ninguém está isolado, mas sim consciente de uma alteridade fundamental. Este argumento permite alicerçar toda a emergência da compaixão que acompanha a leitura das notícias acerca de migrantes e refugiados analisadas nesta investigação.

Sempre me pareceu evidente este nosso, este meu dever para com o *outro*, quem quer que ele fosse. Sem conseguir tirá-lo da paisagem das minhas rotinas e espaços, relaciono-me com ele e ele relaciona-se comigo. Sinto bem-estar quando estas relações são positivas, então, quero repetir. A dada altura, o *outro* já não se me apresenta como uma possibilidade, mas como uma obrigação e até como uma vontade. Richard Rorty confirma este sentimento, a que chama solidariedade, e declara a obrigação moral de nos sentirmos solidários com os seres humanos (Rorty, 1994).

Assim, estar na presença do rosto – não enquanto imagem, mas enquanto construção, categoria – põe-me em relação com o *outro* (Lévinas, 2008), cujo existir se torna real na resposta que ele me pede no sofrimento que dele testemunho, do sofrimento onde se edifica esta relação que os leitores estabelecem com os migrantes e refugiados narrados nestas notícias.

Concordo profundamente com Peter Singer (2004), que nos aponta uma ética imparcial, segundo a qual não é a nacionalidade ou qualquer outra característica / atributo que estabelecem o valor de cada pessoa, valor esse inerente e igual em ‘tamanho’ a todo ser humano. Se é certo que me vejo obrigada a responder com maior rapidez às pessoas que me são mais próximas, tal não deve implicar que não tenha que dar qualquer “resposta” aos que me estão mais distantes, que posso nem conhecer. Poderemos considerar a existência de responsabilidades diferentes, mas nunca negligenciar a responsabilidade que cada um de nós tem para com a humanidade no seu todo. Os migrantes e refugiados que nos chegam à costa europeia apelam a esse sentido de humanidade em cada um de nós.

Parece-me fundamental este olhar para o *outro* migrante ou refugiado seja efetivamente um olhar que acolhe, que reconhece que, afinal “nós também somos os outros e que os outros fazem parte de nós”, e que este *nós* possa ter o tamanho da humanidade. Nós, humanos: igualdade não de género, mas de parentesco (Lévinas, 2008).

Mas defender o alargamento do *nós* não é concretizá-lo. Que caminhos serão necessários percorrer para que tal construção possa tomar lugar no mundo?

Rorty fala-nos de um progresso moral no qual o *nós* se expande, paralelamente a uma solidariedade que evolui, em consequência do acolhimento de diferenças culturais, religiosas, raciais que começa a acontecer (Rorty, 1994). Acredito que Portugal evolui neste sentido. De facto, segundo um artigo de autores portugueses publicado na revista *Psicologia – Reflexão e Crítica*, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Brasil, a população portuguesa terá níveis de inteligência cultural e personalidade multicultural que permite que a população local consiga lidar com as diferenças culturais de forma bem sucedida, promotora da integração de imigrantes, que denota uma atitude favorável ao diálogo e à interação cultural (Sousa, Gonçalves, Reis & Santos, 2015). Ainda neste sentido, e de acordo com o *Migrant Integration Policy Index*, também de 2015, Portugal é o segundo país que melhor acolhe e integra imigrantes, de uma lista total de 38 países analisados⁶.

Por mais que tenhamos aqui autores que dão corpo às minhas próprias inquietações e corroboram o que eu quase apelidaria de instintivo em termos de empatia e compaixão, a verdade é que não é este o posicionamento em grande parte dos países europeus. Se é a empatia a forma quase natural de nos relacionarmos com o ser humano, porque é que vemos isso em Portugal e não vemos isso, por exemplo, na Hungria?

Aceitar a igualdade humana enquanto teoria, nem sempre faz coincidir com uma prática que advogue e respeite tal igualdade. Muitas pessoas preocupam-se com os seus concidadãos, não se estendendo tal preocupação para lá das fronteiras delimitadoras da sua nação, parecendo assumir-se uma responsabilidade moral para com a população do próprio país. Assim, os “nossos” cidadãos são mais importantes do que os cidadãos de outros países que não o nosso (Singer, 2004).

Atualmente, a imigração é um dos temas mais discutidos e com maior atenção pública na Europa, mais pela sua associação à questão da insegurança, do que pelas repercussões das pressões migratórias sobre o emprego e a demografia de cada país. Portugal tem,

⁶ Austrália, Áustria, Bélgica, Bulgária, Canadá, Croácia, Chipre, República-Checa, Dinamarca, Estónia, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Islândia, Irlanda, Itália, Japão, Letónia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Holanda, Nova Zelândia, Noruega, Polónia, Portugal, Roménia, Eslováquia, Eslovénia, Coreia do Sul, Espanha, Suécia, Suíça, Turquia, Reino Unido, Estados Unidos da América

aparentemente, permanecido à margem destes debates, pelo menos nestas perspetivas de antagonismo à imigração. O que poderá explicar isto?

Penso que a resposta reside em não podermos olhar para os fenómenos de forma isolada. Isto é, importa compreender o contexto social e político em que emergem estas narrativas mediáticas em torno de migrantes e refugiados: em primeiro lugar, um dos fatores com maior “poder” para esconder a empatia é o medo – se eu acredito que o outro é uma ameaça, não consigo reconhecê-lo enquanto espelho da minha própria humanidade, mas antes enquanto perigo da mesma. Assim, não podemos ignorar que Portugal tem sido “poupado” em termos de ameaças terroristas, ao contrário do que este século já viu acontecer em Inglaterra, Espanha e França, para citar os exemplos mais óbvios. Em países sujeitos a ameaças terroristas recorrentes, facilmente emergem movimentos e discursos xenófobos, frequentemente associados a momentos de instabilidade económica e política. O desequilíbrio económico leva os indivíduos a migrarem para países com perspetivas de melhoria da sua qualidade de vida, enquanto as tensões políticas, económicas e culturais empurram as pessoas para novas terras. Por sua vez, a migração de grandes grupos de pessoas pode resultar na reação da comunidade anfitriã de se sentir ameaçada pelos recém-chegados, seja por causa de perceções de tensão económica ou de confrontos culturais (Yakushko, 2009). Nestes países, a xenofobia pode então concretizar-se na formação de comportamentos e/ou até de movimentos organizados em repúdio a esses fluxos migratórios e às populações estrangeiras. Estes comportamentos incluem os chamados “crimes de ódio” caracterizados por violência, que tanto se verifica de “um para um”, como em maior escala, fruto de ataques organizados em grupo.

Em Portugal, apesar de termos sentido o eco dos atentados terroristas que aconteceram na Europa nos últimos anos bem próximo, a verdade é que nunca experienciámos algo desta magnitude dentro das nossas fronteiras e no nosso quotidiano imediato, pelo que a população local não tem que confrontar-se com a sensação de perigo eminente associado ao estrangeiro.

Não quer isto dizer, no entanto, que a ameaça terrorista por si só explique os sentimentos anti-migratórios que vemos a ganhar espaço no território europeu. Na verdade, a permanência dos imigrantes, outrora bem-vindos, no território europeu tornou-se mais problemática com a crise do petróleo que atingiu a Europa, repercutindo-se em altas taxas de desemprego, que fez emergir discursos e práticas que apontavam o fechamento à

imigração como uma solução para a prosperidade, principalmente em relação a grupos de imigrantes cujos aspectos culturais mais se distanciavam das sociedades de acolhimento (Sayad, 1998). Desta forma, ganha voz um argumento largamente legitimado de que as sociedades nacionais estariam a ser ameaçadas quanto à sua identidade e às suas práticas culturais, discursos utilizados pelos partidos políticos para fortalecerem as suas tendências nacionalistas (Buzan, Weaver, Wilde, 1998). Assim, a ascensão de discursos anti-imigração não pode ser associada apenas à ameaça terrorista, mas também à grande insatisfação sentida e manifestada por alguns setores da população com a política no geral, nas quais se incluem - não exclusivamente - as questões relacionadas às solicitações de refúgio e às migrações irregulares (Castles & Miller, 2004).

Importa, então, compreender que a percepção da ameaça desempenha um papel importante na visão europeia de hoje do mundo. Os medos incluem o medo do desemprego e os sentimentos de insegurança num mundo de "inimigos" numerosos e muitas vezes mal definidos. Esta percepção geral de ameaça e influencia sentimentos anti-imigração, reações de distância ou mesmo hostilidade em relação aos imigrantes. Grupos populistas exploram as circunstâncias, agravando ainda mais esses sentimentos (Comissão Europeia, 2006).

Em segundo lugar, Portugal é dos países europeus com menor pressão migratória, onde a *“baixa importância relativa de imigrantes no total da população do país que faz Portugal assumir apenas o vigésimo primeiro lugar entre 28 países do espaço europeu com estrangeiros residentes – lista em que o Luxemburgo ocupa o primeiro lugar com 47,8% de estrangeiros no total de residentes –, tendo nos últimos anos Portugal vindo mesmo a descer a sua posição como consequência de ter diminuído a população estrangeira residente no país entre 2010 e 2015, afastando-se por isso ainda mais do valor médio da União Europeia da importância relativa de estrangeiros residentes”* (Oliveira & Gomes, 2019). Assim, não podemos comparar a preocupação pública com um fenómeno que tem, em Portugal, uma dimensão muitíssimo menor quando comparado com outros países europeus, como França, Alemanha ou Reino Unido.

Em matéria de asilo, Portugal acolhe apenas cerca de 0,1% dos refugiados residentes nos 28 países da União Europeia (Oliveira, 2020), sendo o 7º país com menos refugiados.

Por fim, o consenso político em torno da matéria das migrações em Portugal é um importante farol para a população em geral, ao mesmo tempo que orienta a própria

produção narrativa em torno destes assuntos. As grandes forças políticas estão de acordo com as políticas públicas que envolvem migrações e asilo, havendo um entendimento comum acerca dos valores de acolhimento e hospitalidade, por um lado, e dos benefícios económicos e demográficos, por outro. Os partidos nacionalistas têm muito pouca expressividade e não conseguem pronunciar-se no sentido contrário de forma significativa. Como assumido no *Plano Estratégico para as Migrações 2015-2020*, aprovado no Conselho de Ministros N°12-B/2015, de 20 de março de 2015, “*o amplo consenso político em torno do tema das migrações, em Portugal, tem permitido o sucesso das políticas migratórias*”.

Por outro lado, talvez importe ainda atentar ao facto de que a maioria da população imigrante em Portugal fala a língua portuguesa, na medida em que provém maioritariamente da ex-colónias africanas e do Brasil. Estamos a falar, portanto, de práticas culturais grosso modo distintas das portuguesas, mas com as quais a população local está já familiarizada e com a qual tem menos estranheza.

Por tudo isto, talvez uns fatores com maior preponderância que outros, Portugal parece distinguir-se e distanciar-se do posicionamento de grande parte dos países europeus face à imigração e asilo. De facto, o consenso político e público quando ao acolhimento e integração de refugiados em Portugal é, inclusive, espelhado nos resultados dos inquéritos desenvolvidos pela Comissão Europeia (EUROSTAT). Este inquérito foi aplicado seis vezes entre 2015 e 2018, sendo que em Portugal uma maioria considerável responde que “Portugal deveria ajudar os refugiados”, proporção que aumenta ao longo dos 3 anos, sendo cada vez maior a percentagem de inquiridos que oferece uma atitude favorável ao acolhimento (Oliveira, 2020).

Seria expectável, e talvez sensato, considerar que a conjugação desta atitude positiva face ao acolhimento, aliada aos discursos políticos favoráveis à imigração, resultaria em processos de integração bem sucedidos. Há, no entanto, uma significativa distância entre o que se advoga e o que se cumpre. Efetivamente, Portugal tem investido consideravelmente em termos de recursos financeiros e humanos em políticas migratórias inclusivas, o que, aliás, se espelha no segundo lugar que o país aufere entre os 38 países cuja capacidade de acolhimento e integração é avaliada no *Migrant Integration Policy Index*, como referimos acima. Contudo, este trabalho parece não ser ainda suficiente em

termos de abrangência prática, isto é, nem sempre as intenções, definidas nos planos estratégicos e de atuação, são postas em prática, muito por não haver ainda um sistema em cursos suficientemente robusto para responder com a celeridade necessária.

Assim, e de acordo com o próprio relatório estatístico do asilo elaborado pelo Observatório das Migrações (Oliveira, 2020), uma parte considerável dos refugiados acolhidos em Portugal ao longo dos últimos 5 anos, abandonou o país, a caminho de outro destino europeu, apontando-se a incapacidade de resposta das entidades de acolhimento, assim como a morosidade dos processos burocráticos de atribuição de título de residência e de reagrupamento familiar. Por outro lado, o mesmo documento aponta as limitações dos programas de acolhimento, sendo que ao fim dos primeiros 18 meses no país, os refugiados continuam longe de adquirirem autonomia, tanto em termos financeiros, como profissionais e culturais, continuando dependentes dos apoios sociais disponíveis.

Esta análise acaba por se relacionar com a leitura das notícias de 2017, que focava os abandonos de grande parte dos refugiados acolhidos em Portugal, sendo que a categoria mais representativa era mesmo a *“enunciação de razões para a não fixação dos refugiados acolhidos em Portugal”*.

Este mesmo relatório, não obstante, termina com uma perspetiva otimista, focando os avanços dados e projetados para o futuro, fazem adivinhar melhorias significativas nas respostas e nas práticas com a população imigrante que possam vir a ajustar-se, a médio prazo, aos ideais e valores preconizados e exaltados pelas entidades públicas.

Independentemente, contudo, do que acontece nos processos de acolhimento e integração destes migrantes e refugiados, o foco mediático é, importa reforçar, a pessoa nas suas dimensões que a tornam mais próxima da sociedade que a recebe: a família que vem conseguido ou que quer trazer, o sofrimento de que foge, a vontade de ter uma vida melhor, o desejo e a luta pela sobrevivência. Os que estão reconhecem-se nos que chegam e a vulnerabilidade que neles encontram faz com que os recebam com abertura, empatia e compaixão.

É, assim, pertinente concluir sobre o poder das narrativas em forma de história: muitas vezes, são peças escritas em registo de reportagem com um foco narrativo dão espaço para que os personagens se concretizem e sejam reconhecidos pelos leitores enquanto pessoas com existência real (Oliver, et al, 2012). Assim, há uma identificação com os

migrantes e os refugiados que potencia o sentimento de empatia e a sensação de proximidade. Determinadas narrativas mediáticas permitem, então, que se fique tão envolvido numa história que parece que habitamos aquele espaço e tempo, e sentimo-nos tão ligados aos personagens que o seu sofrimento chega a provocar provocam uma reação física e emocional.

Conhecemos, desta forma, estes migrantes e refugiados que os media partilham connosco e vamo-nos relacionando com eles num compasso e enquadramento definido por estes meios de comunicação social.

As suas histórias misturam-se com as nossas, pelo menos na medida em que interferem com a nossa visão de mundo, e sempre que temos a capacidade de tornar um pouco nosso o sofrimento que testemunhamos. De uma maneira ou de outra, estamos todos a assistir, fazemos todos parte desta história maior que se constrói sobre os caminhos de quem parte e de quem chega, de quem acolhe e de quem rejeita, de quem compreende e de quem tem medo. A empatia pode ser a resposta que cruza todos os trajetos, em jeito de ponte que nos liga à humanidade que queremos ser. Porque para lá de todas as análises e investigações, de verificação de hipótese teórica e resposta a questões de investigação, o que me fica do tanto que li, são duas coisas: todas as pessoas que continuam a tentar chegar a algum lugar e todas aquelas que insistem em querer acolhê-las.

Bibliografia

Alatas, S. (2005). *Is Objective Reporting on Islam Possible? Contextualizing the Demon*. Em: *Covering Islam: Challenges & Opportunities for Media in the Global Village*. Singapura. The Centre for Research on Islamic and Malay Affairs & The Konrad Adenauer Foundation. Singapura.

Allen, C. (2007). *Islamophobia and its Consequences, in European Islam – Challenges for Public Policy and Society*.

Allen, C. (2012). *A Review of the Evidence Relating to the Representation of Muslims and Islam in the British Media*.

Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Reading: Addison Wesley.

Allievi, S. (2005). *How the Immigrant has Become Muslim. Public Debates on Islam in Europe*. Em: *Revue Européenne des Migrations Internationales* (vol. 21 - n°2). *

Arango, J. (2003). *La Explicación de las Migraciones: Luz y Sombra. in Migración y Desarrollo*. Em: *Red Internacional de Migración y Desarrollo*. Zacatecas. octubre, número 001. Latinoamericanistas.

Armon-Jones, C. (1986). *The thesis of constructionism*, in R. Harré (ed.) *The Social Constructions of Emotions*, Oxford: Blackwell

Barbalet, J. (2001). *Emotion, Social Theory, and Social Structure: A Macrosociological Approach*. Cambridge University Press. Cambridge.

Bardin, L. (1977) *A análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Barrett, L. F. (2006). *Are emotions natural kinds?*. Perspectives on Psychological Science, 1

Beckert, C. (2009). *Um pensar para o Outro – Estudos sobre Emmanuel Lévinas*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

Berger, P.; Luckmann, T. (2002) *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.

Beutin, R. Canoy, M. Horvath, A. Hubert, A. Lerais, F. Smith, P. Sochacki, M. (2006). *Migration and public perception*. Bureau of European Policy Advisers (BEPA). European Comission.

Boomgaarden, H. & Vliegenthart, R. (2009). *Explaining the Rise of Anti-Immigrant Parties: The Role of News Media Content*. In: Electoral Studies (online)

Brettell, C. (2000). *Theorizing migration in Anthropology*. Em: Brettell, C. et al (eds.), *Migration Theory*. Routledge. Londres.

Bruckner, P. (2017). *Um Racismo Imaginário. Islamofobia e Culpabilidade*. Gradiva. Lisboa

Buzan, B.; Weaver, O. & Wilde, J. (1998). *Security - A new framework for analysis*. London: Lynne Rienner Publishers

Carr, N. (2020). *The Shallows: What the Internet Is Doing to Our Brains*. New York: WW Norton & Co

Castles, S. & Miller, M. (2004). *The age of migration: international population in the modern world*. Oxford

Charteris-Black, J. (2006). *Britain as a Container: Immigration Metaphors in the 2005 Election Campaign*. In: Discourse and Society – 17

Chauzy, J. & Appave, G. (2014). *Communicating Effectively about Migration*. In: Reporting at the Southern Borders: Journalism and Public Debates on Immigration in the US and the EU. London: Routledge

Cohen, S. (1972). *Folk Devils and Moral Panics. The creation of the Mods and Rockers*. MacGibbon. New York.

Costa, A. (2010). *A criação da categoria imigrantes em Portugal na revista Visão: Jornalistas entre estereótipos e audiências*. Lisboa: ACIDI

Cunha, I.; Santos, C. (2006). *Media, Imigração e Minorias Étnicas II*. Observatório da Imigração e ACIME

Cunha, I.; Santos, C.; Fortes, I.; Castilho, F. (2008). *Imigração, diversidade étnica, linguística, religiosa e cultural na Imprensa e Televisão*. Entidade Reguladora para a Comunicação Social

Cunha, I.; Santos, C.; Fortes, I.; Silveirinha, M.; peixinho, A. (2004). *Media, Imigração e Minorias Étnicas*. Observatório da Imigração e ACIME

Dayton-Johnson, J.; Katseli, L. Tl.; Maniatis, G.; Münz, R.; Papademetriou, D. (2007). *Migration and Social Cohesion: Enabling Integration. In: Gaining from Migration – Towards a new Mobility System*. Paris: Development Centre of the Organisation for Economic Co-operation and Development

Darwin, C. (1872). *The Expression of the Emotions in Man and Animals*. London: John Murray.

Doveling, K.; Scheve, C.; Konjin, E. (2010). *The Routledge Handbook of Emotions and Mass Media*. London: Routledge, Taylor & Francis

Eberl, J.; Meltzer, C.; Heidenreich, T.; Herrero, B.; Theorin, N.; Lind, F.; Berganza, R.; Boomgaarden, H.; Schemer, J. (2018). *The European media discourse on immigration and its effects: a literature review*: Annals of the International Communication Association

Ekman, P. (2003). *Emotions Revealed*, New York: Holt.

Ferin, I.; Santos, C.; (2008). *Media, Imigração e Minorias Étnicas 2005-2006*. Observatório da Imigração e ACIDI

Ferreira, J. (2017). *A benevolência à prova dos excluídos: Relações entre voluntários e usuários de um centro de saúde humanitário francês*. Em: Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana. Brasília

Ferreira, S. (2008). *Antropologia dos media: perspectivas e leituras*, Comunicação Pública

Ferreira, S. (2014). *Magazine Contacto: media e performance na construção da identidade nacional*. Em: Godinho, P. (coord.). *Antropologia e Performance: Agir, Atuar, Exibir*, Castro Verde. 100 Luz.

Ferreira, S. (2014). *Media e migrações: a língua enquanto património identitário na produção de conteúdos mediáticos na diáspora*. Em: Interdisciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies

Ferreira, S.; Travancas, I. (2014). *Antropologia da mídia: um campo em construção no Brasil e em Portugal*. Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia

Fonseca, M. (2008). *Imigração, Diversidade e novas paisagens étnicas e culturais II*. Em: Portugal: percursos de interculturalidade. Lisboa: ACIDI

Fridja, N. H. (1986) *The Emotions*, Cambridge: Cambridge University Press.

Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.

Gondim, S. et al. (2013). *Imigração e Trabalho: Um Estudo sobre Identidade Social, Emoções e Discriminação contra Estrangeiros*. UFJF. Minas Gerais.

Goodwin, J.; et al. (2001). *Passionate Politics: Emotions and Social Movements*. University of Chicago Press. Chicago.

Green, M. & Brock, C. (2000). *The Role of Transportation in the Persuasiveness of Public Narratives*. In: Journal of Personality and Social Psychology

Greussing, E. & Boomgaarden, H. (2017). *Shifting the refugee narrative? An automated frame analysis of Europe's 2015 refugee crisis*. Journal of Ethnic and Migration Studies, 43:11

Happer, C.; Phil, G. (2013). *The Role of the Media in the Construction of Public Belief and Social Change*. Em: Journal of Social and Political Psychology.

Haque, F. (2008). Global Media, Islamophobia and its Impact on Conflict Resolution.

Horsti, K. (2008). *Asylum seekers in the news: Frames of illegality and control*. Observatorio (OBS) Journal 1

Lazarus, R. S. (1991). *Emotion and Adaptation*, New York: Oxford University Press.

Lévinas, E. (2008). *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70

Lewis, M., Haviland-Jones, J. M. e Barrett, L. F. (eds). (2008). *Handbook of Emotions*, 3rd edn, New York: Guilford.

Luhmann, N. (2000) *The Reality of Mass Media*, Stanford, CA: Stanford University Press.

Lull, J. (1995) *Media, Communication, Culture. A Global Approach*, Cambridge: Polity

Lutz, C. (1988). *Emotion, Thought and Estrangement: Emotion as a Cultural Category*. Em: Cultural Anthropology 1.

Lutz, C. (1988). *Unnatural emotions. Everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to western theory*. University of Chicago Press. Chicago.

Lutz, C. et al. (1990). *Language and the politics of emotion*. Cambridge University Press. Cambridge.

Malheiros, J. & Esteves, A. (2013). *Diagnóstico da população imigrante em Portugal - Desafios e Potencialidades*. Lisboa: ACM

Malheiros, J. & e Fonseca, L. (2011). *Acesso à habitação e problemas residenciais dos imigrantes em Portugal*. Lisboa: ACM - Observatório para as Migrações

Malkki, L. (1996). Speechless Emissaries: refugees, Humanitarianism, and Dehistoricization. *Cultural Anthropology*, Vol. 11, nº3.

Martins, C. Et all. (2018). *Os media em mudança em Portugal: Implicações da digitalização no jornalismo*. Lisboa: ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social

Mauss, M. (1980). *A expressão obrigatória das emoções* in *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Editora Perspectiva

Mešić, M. (2011). *The Perception of Islam and Muslims in the Media and the Responsibility of European Muslims Towards the Media*.

Nabi, R. e Wirth, W. (2008). *Exploring the role of emotion in media effects: An Introduction to the special issue*. *Media Psychology*, 11

Nikunen, K. (2018). *Media Solidarities*. London: Sage Publications

Oliveira, C; Gomes, N. (2019). *Imigração em números – Estatísticas de bolso da imigração*. Lisboa: ACM

Oliveira, C.; Gomes, N. (2019). *Indicadores de Integração de Imigrantes. Relatório Estatístico Anual 2019*, Coleção Imigração em Números do Observatório das Migrações, Lisboa: ACM

Oliveira, C. (2020). *Entrada, Acolhimento e Integração de Requerentes e Beneficiários de Proteção Internacional em Portugal: Relatório Estatístico do Asilo 2020*. Lisboa: OM - ACM

Oliver, M.; Dillard, J.; Bae, K. & Tamul, D. (2012). *The Effect of Narrative News Format on Empathy for Stigmatized Groups*. Research Article - Journalism & Mass Communication Quarterly

Quivy, R. Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva

Rea, A.; Martiniello, M.; Mazzola, A. & Meuleman, B. (eds.). (2019). *The Refugee Reception Crisis in Europe. Polarized Opinions and Mobilizations*. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles

Reeves, H. (1997). *Íntimas Convicções*. Lisboa: Instituto Piaget

Rezende, C.; Coelho, M. (xxxx). *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas

Riis, J. (2010) *How The Other Half Lives*. Cambridge: Harvard University Press

Rorty, R. (1994). *Contingência, Ironia e Solidariedade*. Lisboa: Editorial Presença

Rosales, M.; Ferreira, S. (2010). *Uma voz portuguesa no Canadá: media, migrações e negociações identitárias*. Comunicação Pública

Rosário, E.; Santos, T. & Lima, D. (2011). *Discursos do racismo em Portugal: Essencialismo e inferiorização nas trocas coloquiais sobre categorias minoritárias*. Lisboa: ACIDI - Observatório da Imigração, ACIDI, Lisboa, 2011

Russell, J. A. (2003). *Core affect and the psychological construction of emotion*, *Psychological Review* 110

Said, E. (1996). *Covering Islam*. Vintage Publishing. New York.

Santinho, M. C. (2016). *Refugiados e Requerentes de Asilo em Portugal: Contornos Políticos no Campo da Saúde*. Lisboa: ACM

Sayad, A. (1998). *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp

Soroka, S. & McAdams, S. (2015). *News, Politics, and Negativity*. In: *Journal Political Communication* - 32

Stelzenmueller, C. & Raisher, J. (2014). *Transatlantic Trends 2014*. Washington DC: The German Marshall Fund of the United States

Schopenhauer, A. (2003). *A arte de viver*. Porto: Rés-Editora

Selwyn, T. *Uma Antropologia da Hospitalidade*. In: Lashley, C. e Morrison, A.Orgs.(2004). *Em busca da hospitalidade: perspectivas de um mundo globalizado*. São Paulo: Manole.

Sillesen, L. Et all. (2015). *Journalismo and the power of emotions*. Columbia Journalism Review

Singer, P. (2004). *Um só mundo – A ética da globalização*. Lisboa: Gradiva

Sirimarco, M. & Spivak L’Hoste, A. (2019). *Anthropology and emotion: reflections on empirical fields, analitical perspectives and epistemological obstacles*. Horizontes Antropológicos [online]. vol.25, n.54

Sniderman, P.; Hagendoorn, L. & Prior, M. (2004). *Predisposing Factors and Situational Triggers: Exclusionary Reactions to Immigrant Minorities*. In: American Polital Science Review - 98

Smets, K.; Leurs, K.; Georgiou, M.; Witteborn, S. & Gajjala, R. (2019). *The sage handbook of media and migration*. London: Sage publications

Sousa, C.; Gonçalves, G.; Reis, M. & Santos, J. (2015). *Evidências Métricas da Adaptação da Escala de Inteligência Cultural numa Amostra Portuguesa*. Em: Psicologia Reflexão e Crítica. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Valadier, P. (2000). *A moral em desordem – Em defesa da causa do Homem*. Lisboa: Instituto Piaget

Vertovec, S. (2007). *Superdiversity and its implications*. Em: Ethnic and Racial Studies, 30

Vliegenthart, R.; Walgrave, S.; Baumgartner, F. & Bevan, S. (2011). *Do the media set the parliamentary agenda? A comparative study in seven countries*. In: European Journal of Political Research

Wessendorf, S. (2007). *Roots migrants*. Em: Journal of Ethnic and Migration Studies, 33

Yakushko, O. (2009). *Xenophobia: Understanding the roots and consequences of negative attitudes toward immigrants*. The Counseling Psychologist - 37

EUMC. (2006). *Muslims in the European Union – Discrimination and Islamophobia*.

(2015). *How the World Views Migration Forthcoming*. IOM report based on data from the Gallup World Poll. IOM Migration Research Division. Geneva.

European Commission. (2010). *Handbook on Integration for policy-makers and practitioners*. Publications Office of the European Union. Luxembourg

Frontex. (2016) *Annual Risk Analysis*

Migrant Integration Policy Index (2015) - <http://www.mipex.eu/>

Plano Estratégico para as Migrações 2015-2020, aprovado no Conselho de Ministros N°12-B/2015